

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL

CARLOS FONSECA AMARAL

ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO SETOR MOVELEIRO
BRASILEIRO FACE AOS PAÍSES DE REFERÊNCIA

JERÔNIMO MONTEIRO
ESPÍRITO SANTO
2010

CARLOS FONSECA AMARAL

ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO SETOR MOVELEIRO
BRASILEIRO FACE AOS PAÍSES DE REFERÊNCIA

Monografia apresentada ao
Departamento de Engenharia
Florestal da Universidade Federal
do Espírito Santo, como requisito
parcial para obtenção do título de
Engenheiro Industrial Madeireiro.

JERÔNIMO MONTEIRO
ESPÍRITO SANTO

2010

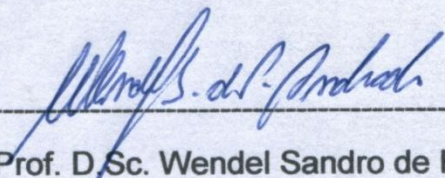
CARLOS FONSECA AMARAL

ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO SETOR MOVELEIRO
BRASILEIRO FACE AOS PAÍSES DE REFERÊNCIA

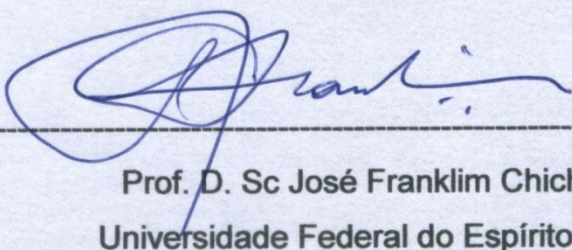
Monografia apresentada ao Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Industrial Madeireiro.

Aprovada em 16 de novembro de 2010

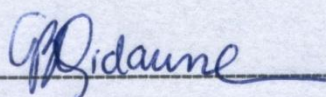
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. D.Sc. Wendel Sandro de Paula Andrade
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. D. Sc José Franklim Chichorro
Universidade Federal do Espírito Santo



Profª. D. Sc. Graziela Baptista Vidaurre
Universidade Federal do Espírito Santo

A minha mãe, pelo sempre carinho, afeto e dedicação.
Ao meu pai, pelo trabalho e esforço para eu chegar até aqui.
Ao meu irmão pelos momentos de paciência e constante ajuda.

“A person who never made a mistake never tried something new”.

A. Einsten

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo esforço e sacrifício para que esse sonho pudesse se realizar.

Ao meu irmão, Lucas, pela força e ajuda dada nesses tempos difíceis.

À minha namorada Patrícia, pelo carinho e paciência, principalmente na reta final.

Ao meu professor Wendel pela disponibilidade e pelo excelente trabalho de orientação. Pela confiança e respeito em mim depositado.

Aos meus amigos que estão sempre comigo, tanto nos bons quanto nos maus momentos.

À Universidade Federal do Espírito Santo e ao corpo de professores, pelo trabalho bem feito durante toda a graduação.

RESUMO

Historicamente a indústria de móveis de madeira tem passado por ciclos de modernização. O Brasil, devido sua grande extensão territorial e sua diversidade florestal, possui a maior oferta de madeiras tropicais do mundo, e mesmo assim, participa com apenas 1% do comércio internacional de madeira. Foram desenvolvidas análises conceituais e empíricas de indicadores de competitividade, para ajudar a aprofundar o estudo das estratégias, no sentido de promover a internacionalização da indústria brasileira. Com isso, o presente trabalho busca responder à seguinte questão: Qual o *status* competitivo do setor moveleiro brasileiro? A pesquisa desenvolvida consiste em uma análise da competitividade da indústria moveleira no Brasil. Para a realização da pesquisa realizou-se um levantamento bibliográfico nas áreas de economia internacional e competitividade, visando dar suporte à elaboração do problema de pesquisa, e ainda, base teórica para a discussão dos resultados obtidos. De modo geral, a pesquisa tem como objetivo analisar a competitividade da referida indústria, no Brasil, em face de um grupo de países de referência na indústria moveleira, como China, Itália, Alemanha e EUA. A pesquisa desenvolvida classifica-se como *ex-post-facto*, e estudo de caso, em razão de suas especificidades na coleta e análise dos dados. Em síntese, o futuro tende para um quadro mais otimista. Considerando que o setor de móveis brasileiro apresentou crescimento nos três indicadores estudados, pode-se afirmar que o País está ganhando competitividade.

Palavras-chave: Competitividade. Indústria Moveleira. Indicador de Desempenho. Indicador de Eficiência. Indicador de Capacitação.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 O problema e sua importância	3
1.2 Objetivos	5
1.2.1 Objetivo geral	5
1.2.2 Objetivos específicos	5
2 REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1 Características gerais dos principais países produtores.....	9
2.1.1 China.....	9
2.1.2 Itália.....	9
2.1.3 Alemanha.....	10
2.1.4 EUA	11
2.2 Vantagem competitiva	12
2.3 Vantagem comparativa.....	14
2.4 Indústria de móveis.....	14
3 METODOLOGIA	18
3.1 Classificação da pesquisa	18
3.2 Modelo analítico.....	18
3.2.1 Indicador de Desempenho.....	19
3.2.2 Indicador de Eficiência.....	20
3.2.3 Indicador de Capacitação.....	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
4.1 Sobre os indicadores de desempenho.....	24
4.1.1 Indicador de desempenho para exportação.....	24
4.1.2 Indicador de desempenho para importação.....	29
4.2 Sobre o indicador de eficiência.....	33
4.3 Sobre o indicador de capacitação.....	36
4.3.1 Dispêndio com ciência e tecnologia (C&T).....	36
4.3.2 Produção Científica.....	40

5 CONCLUSÕES.....	43
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais países exportadores de móveis no ano de 2000 e suas respectivas exportações (US\$ mil).....	8
Tabela 2 – Principais países importadores de móveis em 2000 e 2006 (em milhões de dólares).....	15
Tabela 3 – Principais países exportadores de móveis em 2007 e 2008 (em bilhões de dólares).....	16

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Diamante de Porter”: Determinantes da vantagem nacional.....	13
Figura 2 – Indicador de desempenho brasileiro para exportação.....	25
Figura 3 – Indicador de desempenho chinês para exportação.....	26
Figura 4 – Indicador de desempenho norte americano para exportação.....	27
Figura 5 – Indicador de desempenho alemão para exportação.....	28
Figura 6 – Indicador de desempenho italiano para exportação.....	29
Figura 7 – Indicador de desempenho brasileiro para importação.....	30
Figura 8 – Indicador de desempenho chinês para importação.....	31
Figura 9 – Indicador de desempenho norte americano para importação.....	32
Figura 10 – Indicador de desempenho alemão para importação.....	32
Figura 11 – Indicador de desempenho italiano para importação.....	33
Figura 12 – Faturamento de produção brasileira de móveis, em Reais por ano.....	34
Figura 13 – Valor pago a massa salarial da indústria de móveis no Brasil por ano.....	35
Figura 14 – Produtividade física por mão-de-obra, por ano.....	35
Figura 15 – Evolução brasileira da produtividade em real por real aplicado em mão-de-obra na indústria moveleira.....	36
Figura 16 – Recursos do Governo Federal Brasileiro aplicados em ciência e tecnologia (C&T), de 2000 a 2008.....	37
Figura 17 – Produto Interno Bruto (PIB) Brasileiro, de 2000 a 2008.....	38
Figura 18 – Porcentagem do PIB Brasileiro gasto com Ciência e Tecnologia (C&T), de 2000 a 2008.....	38
Figura 19 – Porcentagem do PIB Brasileiro gasto com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), de 2000 a 2008.....	39
Figura 20 – Porcentagem do PIB gasto com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), por país, em 2008.....	40

Figura 21 – Produção científica brasileira segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2000-2008.....	41
Figura 22 – Quantidade de pesquisadores envolvidos com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), 2000-2008.....	42

1 INTRODUÇÃO

A madeira foi uns dos primeiros materiais a ser utilizado pelo homem, tanto em habitações e equipamentos de transportes, como carros, trenós e embarcações, quanto para armas, como o arco e flecha e a lança dos primatas.

A partir do momento que o homem deixou de ser nômade e passa a desenvolver a agricultura, começa estabelecer moradia fixa, dividir o trabalho e acumular bens. É neste período que desenvolve a construção de objetos de armazenamento, como potes, e também móveis, feitos ainda de forma bem primitiva, como o exemplo de banquetas de madeira.

Há relatos que o desenvolvimento dos móveis surgiu por volta de 1500 a.C. no Egito. Os móveis egípcios destacavam o luxo e o conforto como fator principal para produção, sendo utilizados até mesmo nas tumbas de seus faraós. É nesse momento que surge a primeira cama. Outros tipos de móveis como mesas, armários, escrivaninhas e baús surgem somente durante o século XV (SEBRAE, 2008).

No século XVII, na França, o interior das casas sofria algumas mudanças: a introdução de cômodos e a mudança de funções nos já existentes, o que possibilitou a criação de novos móveis. Já no Brasil, com a chegada da família real portuguesa, os hábitos europeus são incorporados à cultura brasileira, com isso, surge o conceito de novos cômodos e conseqüentemente novo mobiliário. Assim, o surgimento desse novo estilo obrigou os marceneiros locais a se adaptarem ao *design* europeu (SEBRAE, 2008).

As pequenas marcenarias da época podem ser consideradas o berço da industrialização de móveis brasileiros, ou seja, a produção dos móveis por processos artesanais, baseado em conhecimentos tradicionais. Alguns anos depois algumas marcenarias utilizavam alguns equipamentos como a máquina a vapor, trazida da Europa, iniciando a mecanização do setor.

As primeiras tentativas de produção seriada de móveis ocorreram por volta de 1880 e os projetos sempre seguiam o *design* europeu. Após essa data, surge em São Paulo escolas de engenharia e dois anos depois é fundado o Liceu de Arte e Ofícios, responsável pela formação de mão-de-obra qualificada que foi substituindo, aos poucos, a importação de móveis europeus pelos de fabricação nacional (SEBRAE, 2008).

A partir desse momento, a indústria moveleira no Brasil apresenta grande avanço, com o surgimento de novas empresas do ramo mobiliário. Coelho e Berger (2004) relatam que as mudanças na indústria mundial de móveis na década de 1980, possibilitaram melhor qualidade e maior padronização dos produtos. Tais transformações só foram possíveis com o uso de equipamentos automatizados, utilização de novas técnicas de gestão e a inserção de novas matérias-primas, fatores estes responsáveis pelo aumento no comércio mundial de móveis devido à alta produtividade e a qualidade dos produtos.

O aumento do consumo de móveis ocorreu, em parte, pela consolidação do mercado de móveis padronizados (desenhos simples, retilíneos e modulados) e pela preferência de matérias-primas de menor custo e produzidas industrialmente (como exemplo de painéis de madeira processada). Mas somente nos anos 80 alguns conceitos como: adequação da produção moveleira ao poder aquisitivo do consumidor, ao estilo de vida, à faixa etária e ao sexo, foi difundida amplamente. Pelo fato da indústria moveleira ter se concretizado recentemente, em relação a outros setores industriais, é considerada um setor de desenvolvimento industrial tardio (ROESE, 2004).

No mercado internacional, países como Itália, Estados Unidos, Alemanha, Canadá e França são destaque na exportação de móveis. Atualmente, cerca de 50 países tem participação no volume de transações do mercado mobiliário internacional, que em 2000 foi de aproximadamente US\$ 57 bilhões (COELHO; BERGER, 2004).

De acordo com os autores supracitados, a indústria moveleira no Brasil possui a característica de ser fragmentada, intensiva em mão-de-obra, com pouca participação no valor agregado e verticalizada¹. A indústria internacional é caracterizada da mesma forma, porém sendo uma organização horizontalizada².

A indústria de móveis no Brasil é geograficamente dispersa por todo território brasileiro, concentrando-se normalmente na região Centro-Sul do País. Assim, como em outros países, esse setor é caracterizado pela organização em pólos regionais, podendo-se citar oito principais: Grande São Paulo, SP; Bento Gonçalves, RS;

¹ A Integração Vertical consiste na atuação de uma empresa em mais de um estágio do processo produtivo, o que pode ocorrer por meio da fusão de várias empresas que atuam em estágios diferentes (SANDRONI, 2002).

² A Integração Horizontal é o processo ocasionado pela fusão de duas ou mais empresas que operam no mesmo estágio e com os mesmos produtos. Tal processo permite que as empresas ganhem em termos de economia de escala e contem com maior poder econômico (SANDRONI, 2002).

Arapongas, PR; São Bento do Sul, SC; Ubá, MG; Mirassol, SP; Linhares, ES; Votuporanga, SP (ARANTES, 2009).

Kaplinsky e Readman (2000) relatam que a globalização da indústria moveleira também se deu tardiamente, depois da inserção de alguns setores industriais. Contudo, pode-se afirmar que o setor moveleiro se destaca pelo rápido crescimento em relação aos demais setores industriais de transformação. O mercado mundial de móveis cresceu 41% nos anos de 1994 a 1998, nesse mesmo período o comércio de produtos industrializados em geral, cresceu 27% e outros setores, como vestuário 16%, enquanto que o de calçados decresceu 2%.

1.1 O problema e sua importância

Segundo POSSAMAI et al. (2006), em relação às ameaças à competitividade de um pólo, destacam-se: o de crescimento da concorrência formal e informal, a instabilidade do dólar, a queda do poder aquisitivo do consumidor nacional e o baixo crescimento da indústria da construção civil. No entanto, os fatores que mais afetam as empresas de um pólo são: o difícil acesso à exportação, as limitações para o desenvolvimento de produtos para fins mais específicos, o acesso às matérias-primas a custo baixo, a concorrência de outros pólos, a falta de incentivo do governo, o alto custo de transporte, a elevada taxa de juros, a grande distância entre as unidades produtivas e as fontes de matérias-primas, além da pouca divulgação do pólo.

De acordo com os autores supracitados, de uma forma geral, as pequenas e médias empresas ressaltam o preço como sendo o principal fator de competitividade de seus produtos, enquanto as grandes empresas destacam a marca e a qualidade dos produtos. Além disso, cabe destacar como fatores de competitividade: a inovação no estilo de produtos, a qualidade de matéria-prima e da mão de obra, a capacidade de atendimento em volume e prazos, as novas estratégias de comercialização, o nível tecnológico dos equipamentos e o custo de mão de obra.

Diante de uma análise dos diversos tipos de índices de competitividade, propostos pela United Nations Conference on Trade and Development (Unctad), World Economic Forum e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), percebe-se que o Brasil não apresenta posição de destaque no *ranking* internacional. Destaca-se que as piores colocações são referentes a tópicos

relacionados ao governo, como uso de gastos públicos, critério de *spreads*³ bancários, extensão e efeitos da tributação, além da ineficiência do sistema tributário (WOOD; CALDAS, 2007). Fatores como esses restringem a competitividade nacional, entretanto, o Brasil ainda assim possui participação importante na exportação de móveis no cenário internacional.

A competitividade é resultante da combinação de diversos fatores, assumindo assim, um conceito multidimensional, ou seja, que não está ligado à ação de fatores isolados. O foco principal do aumento no nível de competitividade de um país deve ser a melhoria do padrão de vida de sua população. Essa elevação se deve, em grande parte, à competitividade das empresas que sediadas nesta nação, que de certa forma, precisam operar em um ambiente econômico, político e social favorável ao desenvolvimento e à conservação de sua capacidade competitiva (DEESD, 1991).

A grande preocupação quanto ao conceito de competitividade no Brasil foi mencionada por um dos trabalhos realizados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI, 1988, p.13), que relata:

A escassa preocupação com competitividade na economia brasileira reflete-se na ausência de indicadores no sistema nacional de estatística, dificultando a capacidade de se realizar comparações compatíveis com critérios internacionais.

Com isso, foram tomadas medidas para o desenvolvimento de análises conceituais e empíricas de indicadores de competitividade, para ajudar a aprofundar o estudo das estratégias no sentido de promover a internacionalização da indústria brasileira. Sob esse foco, e tomando como base a relevância do setor moveleiro para a economia brasileira, o presente trabalho busca responder à seguinte questão: Qual o *status* competitivo do setor moveleiro brasileiro?

O mercado internacional está cada vez mais acirrado, tendo passado por profundas transformações, como: crises econômicas, crescente participação dos

³ *Spread* refere-se à taxa adicional de risco cobrada, sobretudo (mas não exclusivamente) no mercado financeiro internacional. Refere-se ainda, à diferença entre a taxa de juros que as instituições financeiras pagam na captação do dinheiro e a que cobram dos clientes (SANDRONI, 2002).

NICs (*New Industrialized Country*) asiáticos, aumento da participação chinesa nos segmentos industriais e perda de liderança industrial e tecnológica dos EUA (principal parceiro comercial brasileiro), para países como Japão e Alemanha. Tais questões despertam grande preocupação, tanto acadêmica quanto empresarial, de analisar e projetar a capacidade de inserir, de forma competitiva, alguns setores industriais brasileiros no cenário internacional. Por isso, estudar e avaliar índices de competitividade são importantes para explicar os determinantes dos Indicadores de Desempenho, Eficiência e Capacitação.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o nível de competitividade nacional, no setor moveleiro, em relação aos países que dominam as exportações deste mercado, por meio dos estudos dos indicadores de Desempenho, Eficiência e Capacitação.

1.2.2 Objetivos específicos

Mensurar o nível de competitividade do setor moveleiro brasileiro, de acordo um Indicador de Desempenho, Eficiência, Capacitação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Historicamente, a indústria de móveis de madeira tem passado por ciclos de modernização. Inicialmente, a implantação foi feita através da introdução de pequenas marcenarias, operadas com o *know-how* trazido pelos imigrantes europeus, confeccionando produtos tipicamente artesanais.

Devido à expansão do mercado brasileiro, na década de 70, algumas empresas se modernizaram tecnologicamente visando o mercado interno. Já na década de 1980, a retração econômica fez com que novos investimentos fossem excluídos, o que provocou significativo atraso desse setor diante do mercado internacional. No mercado mundial, nessa mesma época, era introduzida a microeletrônica como parte integrante e revolucionária no setor de máquinas e equipamentos. Ainda assim, algumas empresas implementaram, com muita dificuldade, alguns equipamentos modernos, tentando ingressar com parte de sua produção, nas exportação (LEÃO; NAVEIRO, 2009).

Com a globalização, vem a exigência de que as empresas adequem seus produtos aos padrões internacionais, e para isso os empresários passam a investir no desenvolvimento de novas técnicas de produção. Atualmente, no setor moveleiro esse investimento está na valorização do meio ambiente, com a aplicação das técnicas de produção que buscam a utilização de insumos renováveis (LOTTICI, 2003).

Segundo Leão e Naveiro (2009), o Brasil, devido a sua grande extensão territorial e a sua diversidade florestal, possui a maior oferta de madeiras tropicais do mundo e mesmo assim participa com apenas 1% do comércio internacional de madeira. Esse potencial, agregado às condições excepcionais de clima, solo e dimensões continentais, que permite a exploração racional, e ainda, ao desenvolvimento de novas florestas, remanejamentos, cultivos de novas espécies e reflorestamentos, podem destacar cada vez mais a posição brasileira ao nível internacional. O combate à escassez de matéria-prima seria uma enorme vantagem competitiva e poderia elevar o setor moveleiro brasileiro à posição de concorrência em nível internacional. Os maiores países exportadores de móveis, como Itália e Alemanha, mantêm suas vantagens competitivas investindo na modernização de suas máquinas e equipamentos.

Segundo Lottici (2003), a indústria moveleira vem utilizando madeira de florestas plantadas como matéria-prima, substituindo as madeiras nobres (ameaçadas de extinção) por madeiras de pinus e eucalipto. Assim, esse setor atende as exigências de mercado desse novo paradigma ecológico e ainda, associam o conforto, a praticidade e a utilização de materiais mais resistentes às tendências do *design*.

Ainda de acordo com o mesmo autor, ultimamente, observa-se aumento do número de empresas especializadas na produção de componentes para móveis, aumentando a horizontalização da produção e assim, proporcionando redução de custos. Isso vem ocorrendo principalmente nos EUA e na Europa em que há grande concentração da produção nas grandes empresas, enquanto as pequenas e médias empresas têm se especializado em fornecer partes de móveis ou direcionado a produção para outros segmentos.

Leão e Naveiro (2009), afirmam ainda que uma característica desse setor é o excesso de verticalização das empresas, pelo fato de apresentarem inúmeros processos tecnológicos, com várias etapas localizadas em uma mesma planta industrial. As empresas se justificam afirmando que, dessa forma, asseguram o próprio fornecimento e a qualidade dos produtos. Afirmam ainda que o excesso de tributação incidente sobre cada organização industrial também é um fator determinante para verticalização.

Países como Itália e Alemanha, líderes mundiais no comércio de móveis, são caracterizados pela reduzida verticalização da produção, especialização das diversas etapas e tipos de produtos desenvolvidos, terceirização, subcontratação, padrão homogêneo e limitado número de modelos desenvolvidos por cada empresa. Assim, pode-se entender que a redução da verticalização existente atualmente, seria um fator importante de competitividade (LEÃO; NAVEIRO, 2009).

Os países desenvolvidos detêm 79% do valor total da produção mundial de móveis, o que equivale cerca de US\$ 200 bilhões, enquanto os países emergentes como China, México e Polônia somam somente 21% desse total. Esse último grupo vem ganhando destaque pela reformulação de seu parque industrial e pesado investido no campo das exportações. Cabe observar que as sete maiores potências industriais: Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Japão, Canadá e França respondem por 64% do faturamento anual de móveis (LOTTICI, 2003).

Na Tabela 1, observar-se a classificação mundial quanto à exportação no ano de 2000.

Tabela 1 – Principais países exportadores de móveis no ano de 2000 e suas respectivas exportações (US\$ mil)

Classificação	País	Exportações
1 ^o	Itália	8.282.035
2 ^o	Canadá	5.124.992
3 ^o	Estados Unidos	4.617.650
4 ^o	Alemanha	4.572.406
5 ^o	China	3.633.354
6 ^o	México	3.191.153
7 ^o	Taiwan	2.325.935
8 ^o	França	2.301.464
9 ^o	Polônia	2.131.802
10 ^o	Dinamarca	1.785.723
Brasil		524.202
Total dos 10 maiores		37.968.514
Total do mundo		58.185.044

Fonte: Adaptado de FERREIRA et al. (2008).

De acordo com o autor supracitado, no período de 1995 a 2000, o comércio internacional de móveis sofreu aumento de 7,75% ao ano, passando de US\$ 42 bilhões para US\$ 58 bilhões. Durante esse mesmo período, as exportações brasileiras cresceram 8,85% ao ano, passando de US\$ 337 milhões para US\$ 524 milhões, aproximadamente. É importante destacar, que mesmo com o crescimento das exportações brasileiras tendo superado o crescimento do comércio mundial, a participação do Brasil na exportação desse setor praticamente não se alterou, passando de 0,80% para 0,84% durante esse mesmo período. A comercialização de móveis, hoje, é dominada pelos países europeus (representando 32% das exportações) e pelo *North American Free Trade Agreement* – NAFTA (22%).

Analisando a competitividade do ponto de vista do desempenho, a demanda no mercado define o nível de competitividade das empresas, sancionando ou não suas ações comerciais, produtivas e de marketing (FERRAZ et al., 1999). Já Coutinho e Ferraz (1994), ao destacar o desempenho, afirmam que o montante das exportações sobre o total do comércio internacional de uma dada mercadoria, de uma ou mais empresas, é o indicador mais imediato para analisar a competitividade na participação de mercado.

2.1 Características gerais dos principais países produtores

2.1.1 China

A China, como país emergente, adotou uma política industrial diferente de países desenvolvidos, como Itália, EUA e Alemanha. O país concentrou suas exportações nos segmentos de menor conteúdo tecnológico e maior intensidade de mão-de-obra. Atualmente, é a maior exportadora de móveis do mundo, respondendo por quase 18% das vendas mundiais. Entretanto, seu consumo interno representa quase 2/3 da produção doméstica, o que indica que o país apresenta um mercado interno de grandes dimensões (FERREIRA et al., 2008).

Esses autores relatam ainda que a maioria das empresas chinesas são de pequeno e médio porte e apresentam baixa produtividade, baixa qualidade e pouca especialização, o que faz com que a maioria dos móveis chineses seja cópias de modelos europeus ou norte-americanos. Pela qualidade e custos inferiores, o preço baixo do produto final se torna a principal vantagem competitiva do País.

O mercado chinês é caracterizado pela produção de móveis provenientes de áreas de reflorestamento, como o pinus, e a integração ao máximo com o ambiente, por causa da falta de espaço. Os consumidores de renda alta estão procurando móveis que sejam práticos, e com *design* mais sofisticado, e, além disso, móveis versáteis estão ganhando popularidade e espaço no mercado doméstico (SCHNEIDER, 2002).

2.1.2 Itália

Desde a década de 1970, a Itália era líder da indústria de móveis no mundo, respondendo por quase 20% das exportações mundiais. Atualmente o país segue na

segunda posição, com pouco mais de 10% das exportações mundiais, operando nos segmentos de móveis de madeira, metal, plástico e estofado. Isso demonstra o forte poder competitivo que o país possui em diversos segmentos que atua, gerando um superávit superior US\$ 7 bilhões no setor moveleiro. Além disso, a Itália é o país o que apresenta menor dependência das importações de móveis, que por sua vez atende menos de 8% do mercado interno (SCHNEIDER, 2002).

A elevada competitividade da indústria moveleira italiana pode ser atribuída a sua estrutura industrial, que possui, aproximadamente, 39 mil empresas altamente especializadas. A maioria dessas empresas possui menos de 10 funcionários, e suas produções são direcionadas para o fornecimento de peças ou componentes de empresas maiores, trabalhando em regime de subcontratação. Já as grandes empresas dedicam-se ao desenvolvimento do *design*, ao marketing e às vendas de móveis (FERREIRA et al., 2008).

Schneider (2002) relata que outro fator que explica a competitividade italiana é que o país detém a mais alta tecnologia para produção de máquinas e equipamentos que auxiliam no processamento dos móveis, isso possibilita a constante inovação tecnológica. Essa integração do setor moveleiro com o setor da indústria tecnológica faz com que as máquinas e os equipamentos, além de serem mais baratos, também atendam as necessidades locais e, ainda, que as pequenas empresas tenham acesso às máquinas de última geração.

O país é referência quando se trata de *design* próprio e inovador, além disso, conseguiu determinar um padrão de consumo em outros países, principalmente países da Europa e os Estados Unidos. Atualmente, o *design* italiano influencia a criação de novas tendências no mundo todo. Além de proporcionar uma renda adicional vinda das exportações de móveis exclusivos, esse é um dos fatores principais de sua competitividade (SCHNEIDER, 2002).

2.1.3 Alemanha

Ferreira et al. (2008) citam que em 2006 a Alemanha ganhou destaque como terceiro maior exportador de móveis no cenário internacional. Entretanto, é também considerado, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES, 2000), o segundo maior importador de móveis no mundo, de modo que o volume exportador se aproxima do importado, isso devido à falta de algumas matérias-primas no mercado. Dessa forma, se torna dependente de importações,

principalmente de móveis de madeira e seus componentes, para suprir as necessidades da demanda interna.

De acordo com Ferreira et al. (2008), uma das vantagens competitivas desse país está centrada nas elevadas escalas de produtividade, devido, em geral, às grandes estruturas industriais. Além do que, a indústria moveleira alemã é decorrente de uma tradicional indústria de máquinas e equipamentos que permite o processo de constante inovação do parque tecnológico. Outra vantagem competitiva do País reside na produção de móveis de madeira maciça, na sua totalidade, vinda de madeira reflorestada e certificada, com predominância do *pinus* e eucalipto. Desde a década de 1980 essa estratégia tem sido adotada, devido às crescentes restrições ambientais, particularmente no que se refere à importação de madeira.

Segundo Schneider (2002), os produtos que se encontram com maior facilidade no mercado alemão são aqueles de alto valor agregado. Os consumidores alemães apreciam inovação, alta tecnologia e novas soluções, por isso, para exportar para Alemanha é fundamental um *design* inovador e sofisticado, visto que o preço nem sempre é o fator decisivo na escolha do consumidor.

2.1.4 EUA

Os EUA são um dos maiores produtores mundiais de móveis, tendo representado 20% do valor gerado pela indústria moveleira mundial, em 2006. A indústria moveleira no País é diversificada e mais voltada para o mercado interno, apesar disso, a pequena porção de sua produção voltada para exportação já garante uma posição de destaque entre os países exportadores de móveis. Sua maior vantagem competitiva decorre da sua alta produção para atender o mercado interno, que é o maior do mundo mesmo assim, o país está entre os maiores importadores de móveis (SCHNEIDER, 2002).

Os EUA, durante a presente década, responderam pela demanda de aproximadamente 1/3 da comercialização mundial de móveis. Mais da metade da exportação norte-americana é destinada aos países do North American Free Trade Agreement (NAFTA), o que pode ser justificado pelas taxas de importações reduzidas e pela proximidade geográfica. O País apresenta elevado grau de abertura quanto a importações, dados estes que equivalem a 40% da produção interna, entretanto, 5,3% da produção local são destinados à exportações (FERREIRA et al., 2008).

Segundo esses autores, atualmente, os principais produtores de móveis do País estão mudando toda ou parte de sua produção para países emergentes, de forma a ganhar vantagem sobre os baixos custos dos produtos importados. Porém, a produção norte-americana ainda apresenta elevada competitividade em determinados nichos de mercado, como na produção de móveis de metal e móveis de alto luxo, segmentos nos quais o país continua sendo grande produtor mundial.

2.2 Vantagem competitiva

A definição de competitividade de uma empresa pode ser entendida como sua capacidade de desenvolver e sustentar vantagens competitivas que permitam enfrentar a concorrência (DEESD, 1991).

Para Porter (1993), alguns atributos modelam a estrutura na qual as empresas competem e desenvolvem vantagem competitiva. Tais aspectos se resumem em:

- i. *Condições de fatores*: a posição do país nos fatores de produção, como trabalho especializado ou infra-estrutura, necessários à competição em determinada indústria.
- ii. *Condições de demanda*: a natureza da demanda interna para os produtos e serviços da indústria.
- iii. *Indústrias correlatas e de apoio*: a presença ou ausência, no país, de indústrias abastecedoras e indústrias correlatas que sejam internacionalmente competitivas.
- iv. *Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas*: as condições que, no país, governam a maneira pela qual as empresas são criadas, organizadas e dirigidas, mais a natureza da rivalidade interna.

As empresas ganham vantagens competitivas a partir do momento em que sua base nacional permite maiores informações e percepções das necessidades de produtos e processos, e quando essa política nacional apóia a acumulação mais rápida de bens e práticas especializadas. Além disso, outro fator para o destaque da

vantagem competitiva é quando as metas de proprietários, diretores e empregados apóiam o empenho intensivo e um investimento contínuo (PORTER, 1993).

A probabilidade de países atingirem sucesso nas indústrias ou segmentos de indústria, é maior onde os determinantes da vantagem competitiva são mais favoráveis. Porter (1993) utiliza a expressão “diamante” para se referir aos determinantes como um sistema. Como pode ser observado na Figura 1, o “diamante” é um sistema mutuamente fortalecedor, pois o efeito de um determinante depende do estado de outros determinantes.

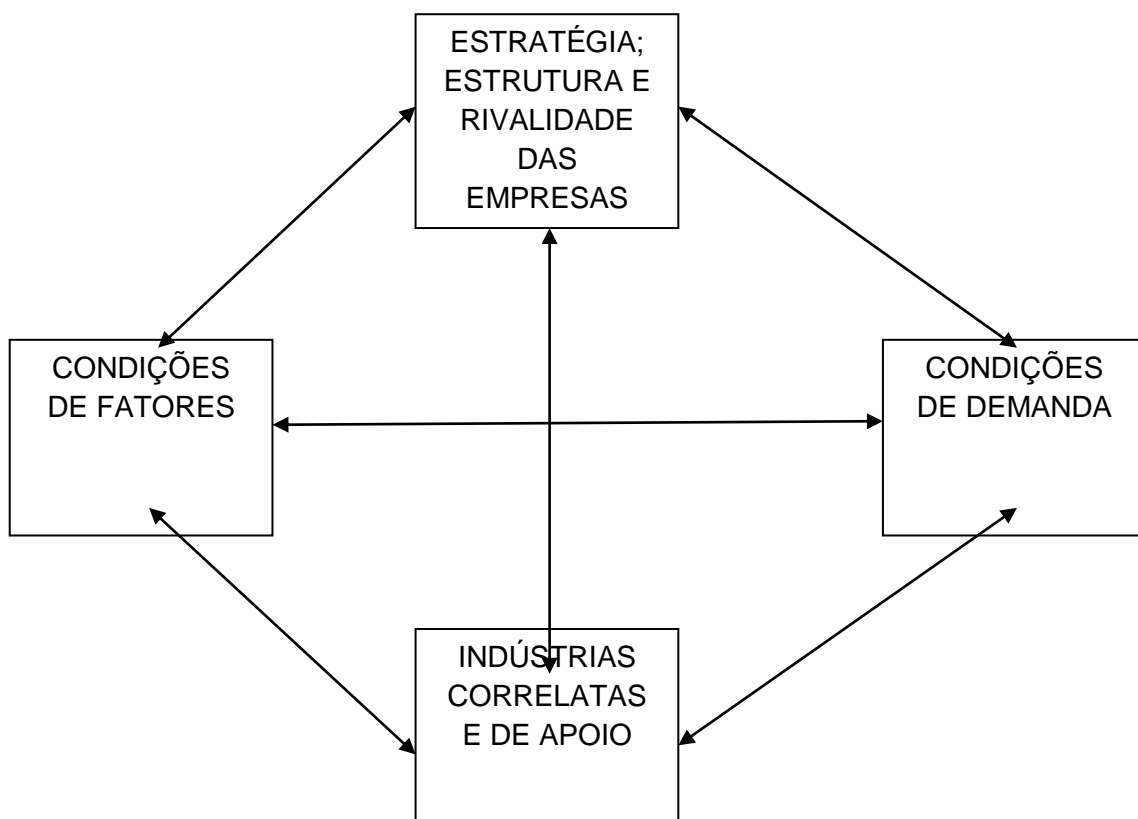


Figura 1 – “Diamante de Porter”: Determinantes da vantagem nacional

Fonte: Adaptado de Porter (1993).

Em síntese, pode-se concluir que são necessárias vantagens por todo o “diamante” para que a indústria obtenha sucesso competitivo. Para um país obter êxito em determinado setor, é preciso que o cenário nacional estimule e pressione as indústrias para que desenvolvam, especializem e ampliem suas vantagens, no decorrer do tempo.

2.3 Vantagem comparativa

Segundo Krugman (2001), um país possui vantagem comparativa na produção de um determinado bem se o custo dessa produção for comparativamente menor em relação a outros países, ou seja, é a habilidade que um país tem para produzir um bem empregando menor custo de oportunidade que outro produtor. Com isso, pode se entender que o comércio entre dois países beneficiará ambos, se cada um concentrar sua produção nos bens quais possuem vantagem comparativa.

Para o mesmo autor, a partir do momento que uma empresa se especializa na produção de determinado bem no qual tem vantagem comparativa, a produção total da economia aumenta. Dessa forma, essa elevação econômica movimenta o comércio, que por fim poderá beneficiar membros de uma sociedade, pois permitem que os indivíduos se especializem em atividades nas quais têm vantagem comparativa. Pode-se assim, influenciar positivamente na qualidade de vida dessa sociedade, contribuindo para melhoria da qualidade de vida dessa sociedade.

2.4 Indústria mundial de móveis

Ao longo da presente década, houve grande expansão do mercado internacional de móveis. O mercado consumidor de móveis se concentra nos países desenvolvidos, absorvendo cerca de 80% dos móveis comercializados internacionalmente. Os EUA são o principal importador de móveis e responde por, aproximadamente, 1/3 da demanda internacional. A lista dos dez maiores importadores sofreu pequenas alterações durante esta década, como pode-se observar na Tabela 2, sendo que os países da Europa Ocidental, EUA, Japão e Canadá continuam dominando a importação de móveis (FERREIRA et al., 2008).

Tabela 2 – Principais países importadores de móveis em 2000 e 2006 (em milhões de dólares)

Posição	Países	2000	(%)	Países	2006	(%)
1°	EUA	19.939	35,1	EUA	34.401	35,2
2°	Alemanha	5.987	10,5	Alemanha	9.979	10,2
3°	Reino Unido	3.458	6,1	Reino Unido	7.516	7,7
4°	França	3.456	6,1	França	6.598	6,8
5°	Japão	3.160	5,6	Canadá	5.091	5,2
6°	Canadá	3.089	5,4	Japão	4.250	4,4
7°	Bélgica	1.846	3,2	Bélgica	3.001	3,1
8°	Países Baixos	1.752	3,1	Espanha	2.687	2,8
9°	Suíça	1.524	2,7	Países Baixos	2.572	2,6
10°	Áustria	1.414	2,5	Suíça	2.317	2,4
Subtotal	10 maiores	45.624	80,3	10 maiores	78.411	80,3
Total		56.820	100		97.697	100

Fonte: Adaptado de FERREIRA et al. (2008).

No início da década passada, os países desenvolvidos eram os principais exportadores de móveis, com destaque para Alemanha, EUA, Canadá e Itália. Porém, houve importantes mudanças na estrutura produtiva e exportadora da indústria moveleira internacional, principalmente, nos países exportadores (FERREIRA et al., 2008).

De acordo com Ferreira et al. (2009), houve um crescimento de 3,4% das exportações moveleiras no período de 2007 a 2008. Além disso, estes autores afirmam que a concentração da exportação de móveis se encontra em um número restrito de países. Na Tabela 3 observa-se que no período de 2007-2008 houve um acréscimo de 4% nas exportações dos dez maiores países, passando de 68% para 72%.

Tabela 3 – Principais países exportadores de móveis em 2007 e 2008 (em bilhões de dólares)

Posição	Países	2007	(%)	2008	(%)	Variação (%)
1°	China	22.340,51	19,4	27.236,75	22,9	21,9
2°	Itália	13.209,80	11,5	13.525,60	11,4	2,4
3°	Alemanha	11.100,97	9,7	12.448,97	10,5	12,1
4°	Polônia	7.132,92	6,2	8.079,22	6,8	13,3
5°	EUA	6.242,73	5,4	6.488,85	5,5	3,9
6°	Canadá	5.351,71	4,7	4.823,55	4,1	-9,9
7°	França	3.601,67	3,1	3.938,96	3,3	9,4
8°	México	4.350,28	3,8	3.871,55	3,3	-11,0
9°	Malásia	2.499,98	2,2	2.622,61	2,2	4,9
10°	Rep. Checa	2.282,63	2,0	2.570,20	2,2	12,6
Subtotal	10 maiores	78.113,19	67,9	85.606,26	72,0	9,6
Total		114.972,28	100	118.929,52	100	3,4

Fonte: Adaptado de FERREIRA et al. (2008).

Segundo Ferreira et al. (2008), em 2000, a China se encontrava na quinta posição, representando 6,3% do comércio mundial de móveis. Já em 2006, o país assumiu a liderança das exportações mundiais, respondendo por quase 18%, deslocando países tradicionais como Itália e Alemanha. Ferreira et al. (2009) ressaltam ainda que, em 2008, a China foi responsável por 22,9% das exportações moveleiras.

Outra observação importante, ressaltada por estes mesmos autores, é que a maior parte dos países registrou um aumento do valor exportado, acompanhando a evolução do comércio mundial nesse setor.

No Brasil, o setor de móveis é pequeno comparado ao patamar alcançado pelos principais países exportadores. O país atingiu 0,9% das exportações mundiais

em 2007 e houve uma queda de 0,1% no ano seguinte, representando a 25ª posição no *ranking* dos países. Nesse período o valor exportado caiu de US\$ 1.009,75 milhões para US\$ 987,93 milhões, o que explica a ligeira redução de sua participação relativa nas exportações mundiais. Considerando que a demanda mundial aumentou no mesmo período, pode-se dizer que a indústria de móveis brasileira perdeu competitividade (FERREIRA et al.,2009).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo realiza-se uma classificação da pesquisa, destacando assim suas especificidades. São também apresentados os indicadores de competitividade utilizados na elaboração dos resultados, sendo estes divididos em três categorias: indicador de desempenho, indicador de eficiência e indicador de capacitação. Juntos, estes compõem o modelo analítico deste trabalho.

3.1 Classificação da pesquisa

Quanto aos meios a pesquisa foi classificada como bibliográfica por usar artigos publicados, monografias, dissertações, teses e livros a respeito da competitividade do setor moveleiro, para dar suporte à pesquisa; documental pois utiliza documentos com dados de órgãos públicos como o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Ministério da Ciência e Tecnologia, o Ministério do Trabalho e Emprego, e relatórios de entidades representativas do setor; como *ex-post-facto* por se tratar de investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado e um fenômeno que ocorre posteriormente, é caracterizada por os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos. Estudo de caso, em razão de suas especificidades na coleta e análise dos dados, tratando-se de uma pesquisa que analisa apenas um setor da indústria, o moveleiro.

Quanto a forma de abordagem do problema é classificada como quantitativa em razão da abordagem numérica sobre os valores de exportação, importação, produção, etc.

Quanto aos fins a pesquisa foi classificada como descritiva, pois expõe características do setor moveleiro no Brasil e nos países considerados; explicativa, pois visa esclarecer quais os fatores que contribuem e afetam o desenvolvimento de vantagem competitiva.

3.2 Modelo analítico

Para subsidiar a análise, foram utilizados os indicadores de desempenho, eficiência e capacitação. Cada um desses três tipos de indicadores pode ser caracterizado em três níveis de abrangência: o sistêmico, o setorial e o empresarial, sendo assim classificados em função do agente estudado. Neste trabalho foram abordados na maioria das vezes, indicadores de nível setorial, sendo o agente de estudo, o setor moveleiro no Brasil.

3.2.1 Indicador de Desempenho

Os indicadores de desempenho são caracterizados por dar enfoque às formas em que a competitividade internacional se comporta, o que remete em geral à participação do agente estudado no mercado nacional e, principalmente, no comércio internacional (FAJNZYLBER et al., 1993), o qual é dado por:

$$I = (X_{ij} \div X_{it}) \div (X_{nj} \div X_{nt}) \quad \text{ou} \quad I = (X_{ij} \div X_{nj}) \div (X_{it} \div X_{nt})$$

Em que:

- I = Indicador de desempenho;
- X = Exportações/Importações em reais (R\$);
- i = o país estudado;
- j = o setor focalizado;
- n = o universo de países considerados; e
- t = o grupo no qual o setor focalizado está contido.

O indicador I apresenta, para um determinado país, a relação entre sua participação no mercado de exportações/importações de um setor específico (nesse caso o setor moveleiro) e a sua participação no mercado total de exportações/importações da indústria mundial, dado que é nesse grupo que o setor moveleiro está inserido (adotando-se como referência os países: Brasil, China, Itália,

Alemanha e EUA). O crescimento desse índice implica que o setor está se tornando mais competitivo.

Os dados utilizados para os cálculos do indicador de desempenho foram extraídos de FAO (2008). De acordo com a expressão utilizada, tem-se que: X_{ij} representa as exportações e importações da indústria moveleira do país analisado; X_{it} refere às exportações e importações da indústria madeireira do país analisado; X_{nj} trata das exportações e importações da indústria moveleira mundial; e, X_{nt} considera as exportações e importações da indústria madeireira mundial. Dessa forma, baseado nos dados obtidos por FAO (2008), considerou-se para a indústria madeireira o somatório dos seguintes segmentos: indústria de base madeireira, indústria de produtos de madeira e indústria de papel e celulose. E, cabe destacar que os dados de exportação e importação a seguir são referentes a móveis de madeira, portanto, exclui-se a exportação e importação de móveis de outros materiais (metais, plástico, colchões, etc.).

Para o desenvolvimento do indicador de desempenho neste trabalho foram considerados os indicadores “relativos”. Estes são denominados indicadores de vantagem comparativa revelada, ou seja, medem a relação entre o desempenho do setor em questão (para este caso o setor moveleiro) e o desempenho dos demais setores do mesmo país (setor da indústria em geral).

A competitividade do setor moveleiro brasileiro foi avaliada primeiramente com base no indicador de desempenho apresentado no modelo analítico desse trabalho, de forma que esse indicador possui maior enfoque no comportamento da competitividade internacional, tendo como base o estudo do mercado nacional e o comércio internacional desse segmento.

3.2.2 Indicador de Eficiência

Os indicadores de eficiência vinculam-se com os preços e custos dos bens e serviços comercializados. Dentre os indicadores de eficiência, uns dos mais utilizados são os indicadores de produtividade. Sobre isso, afirma-se que a produtividade setorial vem sendo utilizada para monitorar o grau de heterogeneidade

da estrutura produtiva e a capacidade de resposta dos setores frente às variadas conjunturas econômicas dos últimos anos (FAJNZYLBER et al., 1993).

Haguenauer (1989), citado por Fajnzylber et al. (1993, p.24), afirma que:

O nível de utilização de recursos constitui-se em um indicador de competitividade mais adequado do que os indicadores de custo ou de preço, pois depende de fatores mais estruturais (domínio da tecnologia de processos e adequada organização de produção). No cálculo dos custos influem as políticas de preços das estatais, cambial (barateamento dos produtos importados por conta de valorizações cambiais), de comércio exterior (barreiras tarifárias e não-tarifárias), entre outros fatores.

Optou-se pela produtividade da mão-de-obra quando se trata de setores industriais, e o setor moveleiro brasileiro se enquadra nesse aspecto. Entretanto, por considerar que a produção de móveis, é intensiva em mão-de-obra e capital, optou-se por utilizar a produtividade em termos de Reais produzidos por Real gasto em mão-de-obra. O cálculo desse indicador segue a seguinte expressão:

Produção brasileira de móveis

*Custo real de mão de obra na indústria * Pessoal ocupado na indústria moveleira * 252 * 8*

Em que:

Produção brasileira de móveis	=	Produção de móveis em Reais (R\$);
Custo real de mão de obra na indústria	=	Real (R\$) pago a mão de obra por hora na produção da indústria;
Pessoal ocupado na indústria moveleira	=	Trabalhadores diretos da indústria moveleira;
252	=	Dias úteis durante o ano;
8	=	Carga horário do trabalhador.

Os dados da produção brasileira de móveis foram extraídos de IBGE (2010), os valores do valor pago pela mão de obra na indústria brasileira e o pessoal ocupado na indústria moveleira foram coletados no Anuário dos Trabalhadores do Ministério do Trabalho e Emprego (2009). Tais dados auxiliaram no desenvolvimento dos cálculos quanto ao faturamento da produção brasileira de móveis, à produtividade física por mão-de-obra.

Segundo FAJNZYLBER et al. (1993), os indicadores de eficiência relacionados a preços e/ou custos de produção e à eficiência na utilização dos recursos são amplamente utilizados no meio acadêmico, principalmente no Brasil, nos estudos sobre competitividade. A maior disponibilidade e regularidade de informações e de dados possibilitam a construção de indicadores que visam o monitoramento da evolução da produtividade da mão-de-obra industrial.

Ainda de acordo com o mesmo autor, um crescimento real dos salários (mais encargos sociais) de um país em desenvolvimento, com precárias condições sociais, inclusive para o trabalho empregado, pode significar um consumo (alimentar, educacional, cultural etc.) maior e com mais qualidade, com efeitos diretos e positivos sobre a produtividade e a qualificação da mão-de-obra. Dessa forma, este indicador pode ser classificado como indicador de capacitação e tem uma correlação aceitável com a competitividade.

3.2.3 Indicador de Capacitação

Os indicadores de capacitação estão relacionados com os determinantes do sucesso competitivo associados à incorporação de avanços tecnológicos em produtos e processos, aos ganhos cumulativos derivados de formas apropriadas de organização empresarial e, por fim, ao nível e composição dos investimentos públicos e privados, incluindo aqueles realizados em “capital humano” (FAJNZYLBER et al., 1993).

Ainda de acordo com os autores supracitados, para explicar as variações no grau de competitividade dos agentes econômicos (empresa, setor, indústria ou país), tem-se utilizado os indicadores de capacitação. Esse indicador destaca a importância dos fatores de competitividade ligados à mudança tecnológica, às

economias de escalas, aos novos mercados, à qualidade dos produtos, aos serviços prestados, à capacidade financeira, à adaptação dos produtos e às necessidades específicas dos usuários.

Neste sentido, optou-se pelos indicadores que mensurem diretamente a participação dos gastos – públicos e privados – em pesquisa e desenvolvimento (P&D) no produto interno bruto (PIB) e nos produtos setoriais, ou seja, comparando o nível de investimento de Empresa X Estado. De modo geral, é de grande importância a utilização de indicadores sobre os sistemas educativos, este irá avaliar a participação dos gastos em educação no PIB, dando ênfase à quantidade de artigos publicados por ano, considerado como um dos indicadores mais palpáveis de esforços e ganhos em capacitação de um país.

Segundo FAJNZYLBER et al. (1993), a utilização de indicadores de capacitação para explicar as variações no grau de competitividade dos agentes econômicos (empresas, setor, indústria ou país), diante dos fatores de competitividade não ligados a preços. Por exemplo, a mudança tecnológica, as economias de escalas, os novos mercados, a qualidade dos produtos, os serviços prestados, a capacidade financeira e a adaptação dos produtos às necessidades específicas dos usuários.

Neste sentido, um dos indicadores mais difundidos no estudo da medição da capacitação tecnológica, é a participação dos gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) no produto de indústrias determinadas ou no PIB de determinado país. Outro aspecto que está ligado a este indicador, relaciona-se com a participação do pessoal dedicado a atividades de P&D no emprego total de indústrias e países.

No levantamento dos investimentos nacionais em ciência e tecnologia são considerados os investimentos públicos (federais, estaduais e municipais), os empresariais e de entidades privadas sem fins lucrativos.

Ciência e tecnologia são consideradas as atividades relacionadas a:

- pesquisa e desenvolvimento experimental – P&D; e
- atividades científicas e técnicas correlatas – ACTC.

Os dados quanto ao dispêndio com ciência e tecnologia e produção científica, que formam o indicador de capacitação, estão disponíveis no Ministério de Ciência e Tecnologia (2010).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente item tem sua estrutura segmentada, de acordo com os objetivos propostos inicialmente, visando apresentar os resultados da pesquisa em uma seqüência lógica, permitindo melhor entendimento do conteúdo abordado. Assim, os resultados foram organizados em três seções, as quais consistem na apresentação e discussão dos seguintes indicadores: de desempenho, de eficiência e de capacitação.

4.1 Sobre os indicadores de desempenho

4.1.1 Indicador de desempenho para exportação

É importante verificar que, embora o crescimento das exportações de um país pareça representar um aumento da competitividade deste, no mercado internacional, esta relação pode apresentar alguns vieses que fazem com que tal constatação nem sempre se verifique. Primeiramente, o crescimento das exportações de um país em determinado setor, pode ter ocorrido concomitantemente a uma evolução ainda maior das exportações de outros países, no mesmo setor. Com isso, o país considerado, nem mesmo teria ampliada sua participação no comércio exterior daquele setor.

Além disso, juntamente com um crescimento das exportações de um país, podem estar ocorrendo os seguintes fatos, para o setor considerado: aumento das importações deste país e/ou redução das importações dos outros países. Quaisquer desses fatores, somados ou não ao crescimento das exportações dos outros países, podem anular ou até mesmo sobrepujar o avanço ocorrido nas exportações do país considerado.

Observando o histórico do setor de mobiliário no Brasil, verifica-se que a recente evolução no segmento tem sido caracterizada pela seguinte tendência: um aumento em cerca de 93% das exportações, considerando-se o período de 2000 a 2007 (FERREIRA et al.,2009).

Essa evolução do setor moveleiro nos últimos anos pode ser comprovada com a análise do indicador de desempenho na Figura 2. Como esse indicador representa a participação de um setor específico no mercado de exportações e sua participação no mercado total de exportações, pode-se inferir que no período de 1996 a 2007 o Brasil apresentou tendência de crescimento da competitividade.

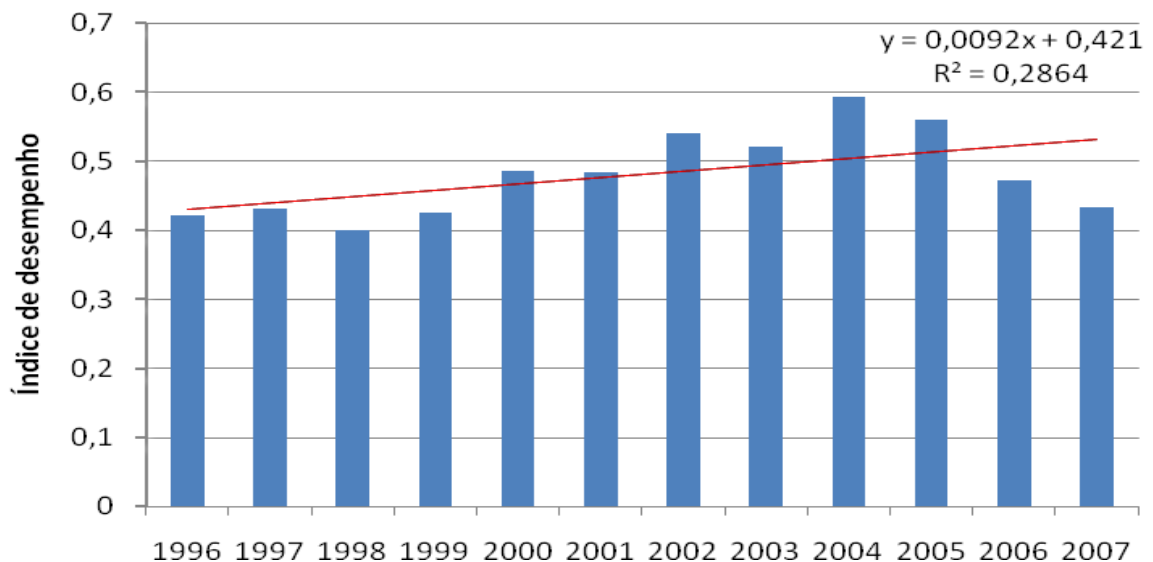


Figura 2 – Indicador de desempenho brasileiro para exportação (1996 – 2007)

Fonte: Dados desta pesquisa.

Um dos fatores a serem considerados como determinantes dessa tendência de crescimento da competitividade é destacado por Leão e Naveiro (2009). Os referidos autores mencionam que a elevada produtividade das florestas plantadas, no Brasil, conduz a um baixo custo da matéria-prima para a indústria moveleira, o que seria uma vantagem competitiva para o país. Corroborando os autores supracitados, Lottici (2003) afirma que tem ocorrido a substituição das madeiras oriundas das florestas nativas, por madeiras de florestas plantadas, como eucalipto

e pinus. Em adição, tal mudança busca atender às exigências do atual paradigma ecológico.

No ano de 2004 houve o maior índice do indicador de desempenho, o que significa que o Brasil se apresentou mais competitivo. Esse aumento da competitividade se deve pelo aumento de 20,5% da exportação em relação ao ano anterior. E, dentre esse mesmo período, no ano de 1998 o Brasil exportou menos, aproximadamente US\$ 367 milhões, conseqüentemente apresentou menor índice, então, pode-se afirmar que naquele ano, o país perdeu em competitividade.

Com essa observação, pode-se afirmar que o nível de competitividade de um país oscila de acordo com suas exportações. E, analisando o índice de desempenho, para o ano de 2007, verifica-se que o Brasil apresentou, aproximadamente, o mesmo índice que há 11 anos.

Na Figura 3, encontra-se o indicador de desempenho da China. O país foi o que mais cresceu em termos de exportação, passando de US\$ 887 milhões para US\$ 10,683 bilhões de 1996 a 2007, respectivamente, significando um crescimento de, aproximadamente, 1.100 %. O aumento da competitividade chinesa tem relação com a abertura do seu mercado externo, e esse crescimento proporcionou ao país a liderança da exportação mundial, ultrapassando países tradicionais como Itália, Alemanha e Estados Unidos.

Com isso, pode-se afirmar que o país se manteve competitivo, ocupando uma posição de destaque na exportação mundial.

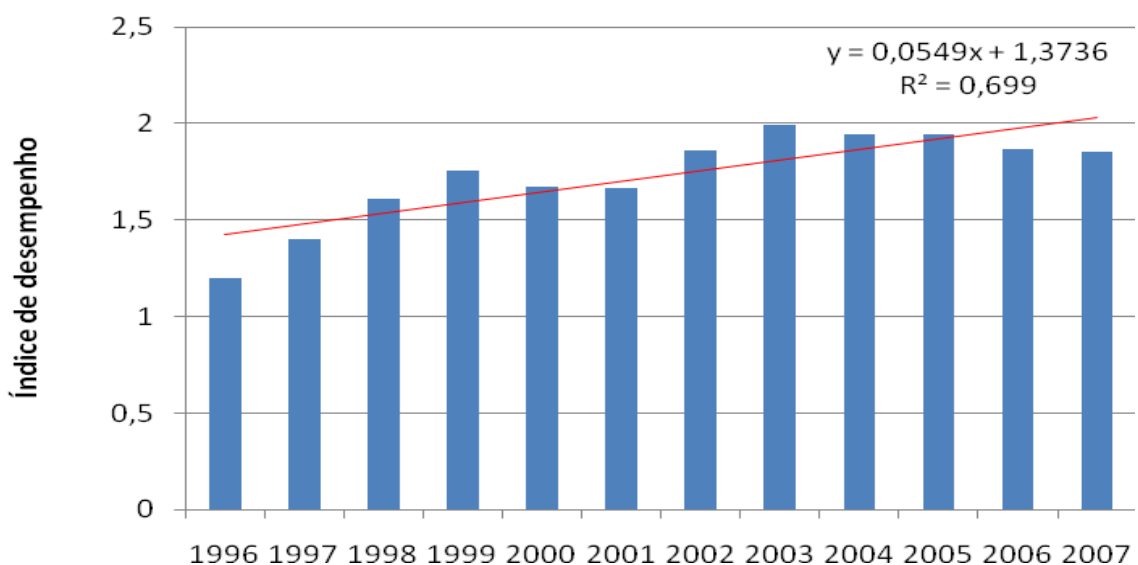


Figura 3 – Indicador de desempenho chinês para exportação (1996 – 2007)
 Fonte: Dados desta pesquisa.

Os EUA, no período de 1996 a 2007, apresentou crescimento de 61% das exportações de móveis, passando de US\$ 916 milhões para US\$ 1,476 bilhões, como pode ser observado na Figura 4. Esse aumento pode ser afirmado por dois aspectos, primeiramente pelo fato do país ter o maior mercado consumidor do mundo e outro fator por destinar uma pequena parte da sua produção à exportação.

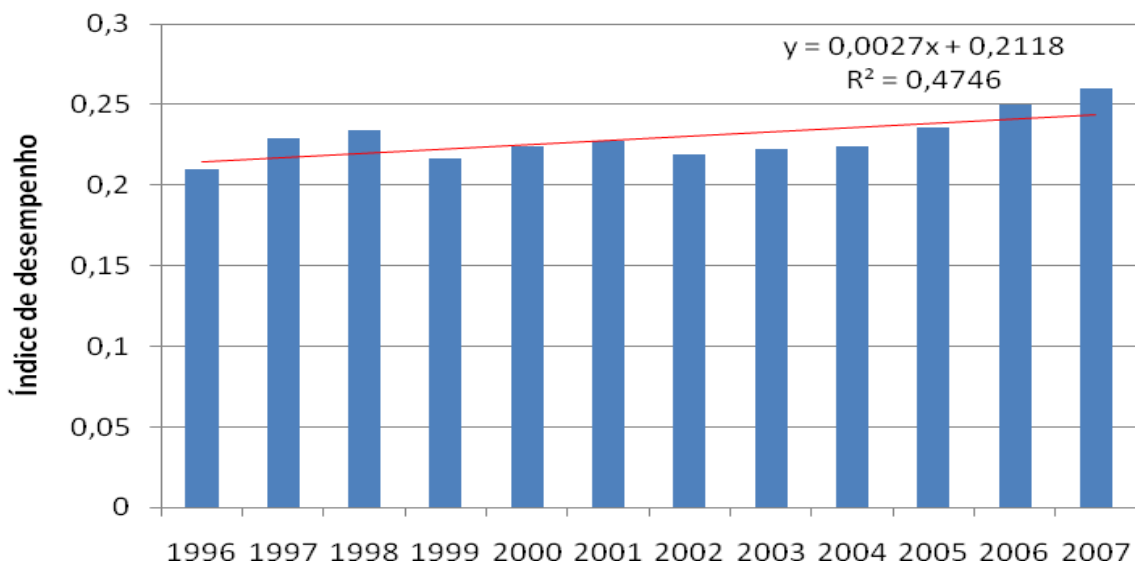


Figura 4 – Indicador de desempenho norte americano para exportação (1996 – 2007)
 Fonte: Dados desta pesquisa.

Para o caso da Alemanha (Figura 5) nota-se que o indicador de desempenho decresceu, passando de 0,69 para 0,59 de 1996 para 2007. Porém, a exportação das indústrias de móveis cresceu 102%, se aproximando de US\$ 5 bilhões exportados em 2007 contra cerca de US\$ 2,4 bilhões em 1996, ou seja, o país exportou mais e importou 5% menos para o mesmo período (vide Figura 10), com isso pode-se dizer que o país se tornou mais competitivo.

Cabe ressaltar, que para uma melhor análise da competitividade (quanto ao indicador de desempenho) de um país ou empresa é necessário estudar tanto a exportação quanto a importação. Pois, se houvesse somente o estudo de um dos dois indicadores poderia resultar numa análise errônea de sua competitividade.

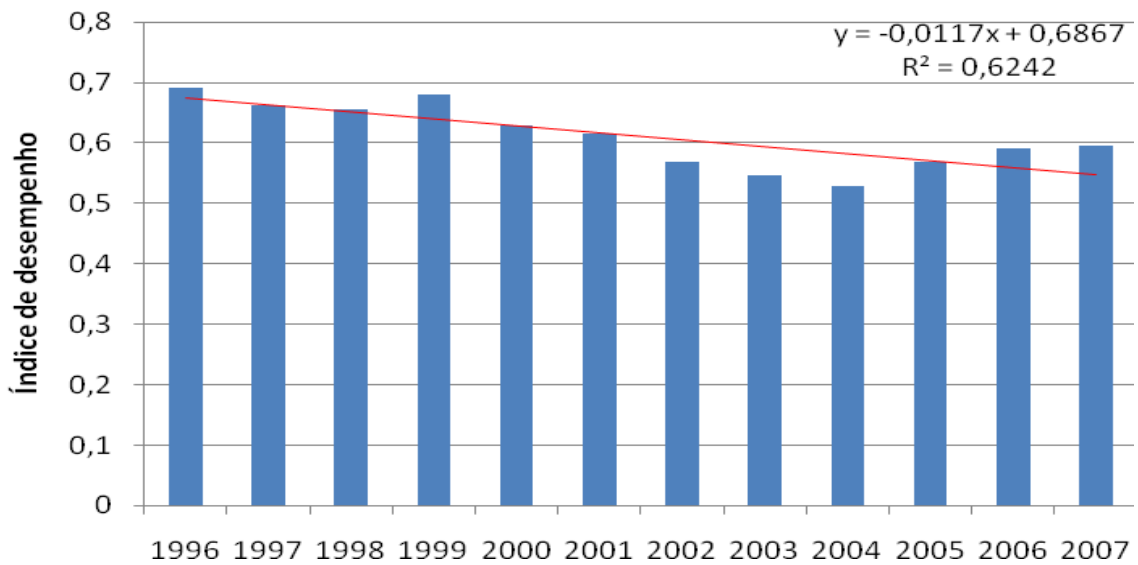


Figura 5 – Indicador de desempenho alemão para exportação (1996 – 2007)

Fonte: Dados desta pesquisa.

Verificando a Figura 6, constata-se brusca queda no indicador de desempenho italiano, representado por um decréscimo de 2,64 para 2,04, de 1996 a 2007 respectivamente. Para o mesmo período, houve redução de 9% da exportação, entretanto, a maior queda foi registrado no ano de 2007, tendo como base o ano de 1996, em que as exportações diminuíram aproximadamente 10%. E, nesse mesmo ano a China ultrapassou a Itália na exportação de móveis, ocupando assim o primeiro lugar no *ranking* dos maiores exportadores desse setor. Desde então, a Itália ocupa o segundo lugar seguida da Alemanha e com o EUA na quinta posição.

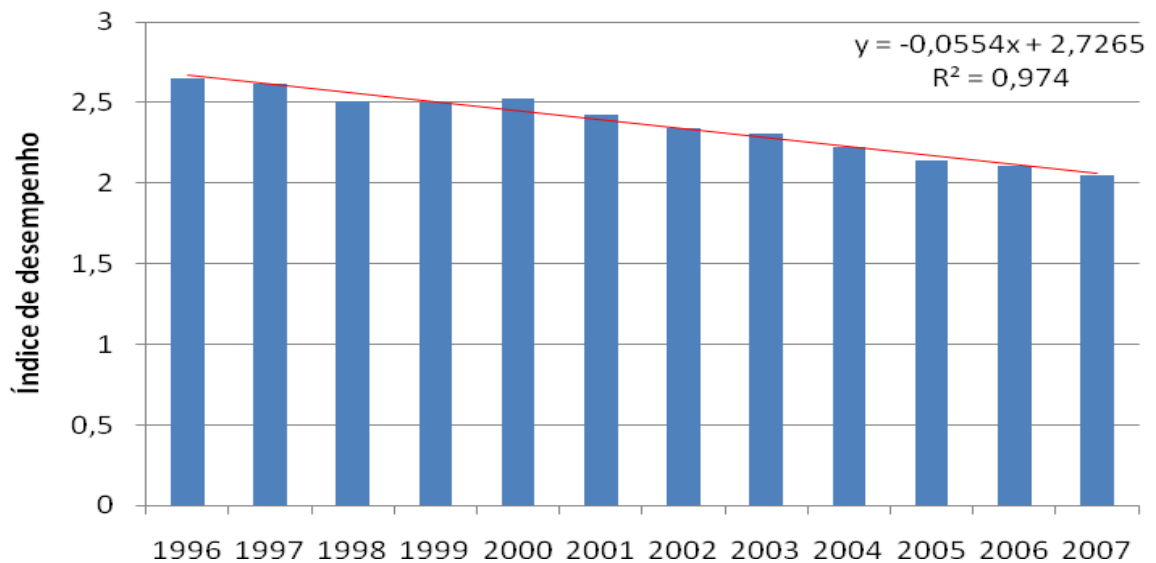


Figura 6 – Indicador de desempenho italiano para exportação (1996 – 2007)

Fonte: Dados desta pesquisa.

4.1.2 Indicador de desempenho para importação

Cabe destacar que o crescimento das importações de um país implica que o setor está se tornando menos competitivo.

São apresentados a seguir os indicadores de desempenho para importação dos países aqui estudados. Analisando os gráficos, pode-se inferir que houve uma redução das importações mundiais, desta forma, a demanda de móveis destes países é atendida com sua produção interna.

Analisando o histórico mundial do setor de móveis observa-se uma grande expansão do comércio internacional do setor moveleiro, ao longo da presente década. Entretanto, não ocorreram mudanças significativas entre os principais países importadores de móveis, que praticamente não alteraram suas participações no total das importações mundiais. O mercado consumidor de móveis continua concentrado nos países desenvolvidos, e, a lista dos dez maiores importadores de móveis praticamente não se alterou nesta década (FERREIRA et al., 2008).

A Figura 7 apresenta o indicador de desempenho da indústria moveleira brasileira para importação, no período de 1996 a 2007. Para esse mesmo intervalo de tempo a importação de móveis de madeira caiu US\$ 31 milhões para US\$ 7 milhões, ou seja, uma queda de 77 pontos percentuais. Isso mostra que o país em

1996 era muito mais dependente do mercado externo do que nos dias atuais, indicando que a competitividade brasileira desse setor cresceu e o país consegue atender tanto a demanda interna quanto o mercado externo.

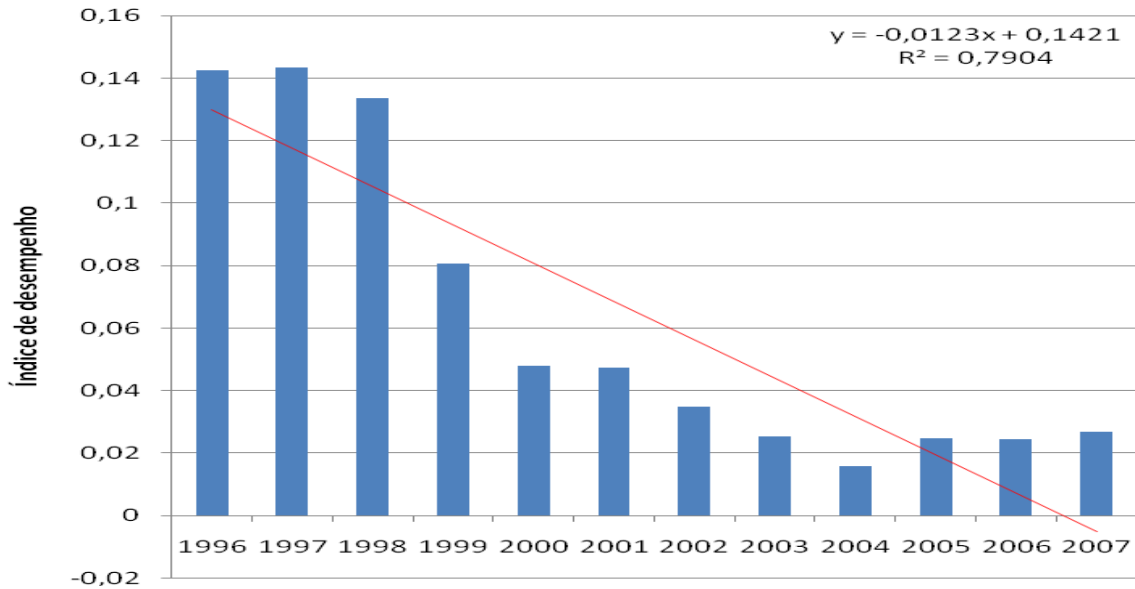


Figura 7 – Indicador de desempenho brasileiro para importação (1996 – 2007)
Fonte: Dados desta pesquisa.

Na Figura 8 pode-se observar o indicador de desempenho chinês para importação. Verifica-se oscilação do índice do indicador, revelando que o histórico de importação desse país se manteve sempre num nível baixo. Entretanto, a redução do indicador de desempenho para importação associado ao aumento do indicador de desempenho para exportação, é indicativo de que a China tem se tornado extremamente competitiva neste setor.

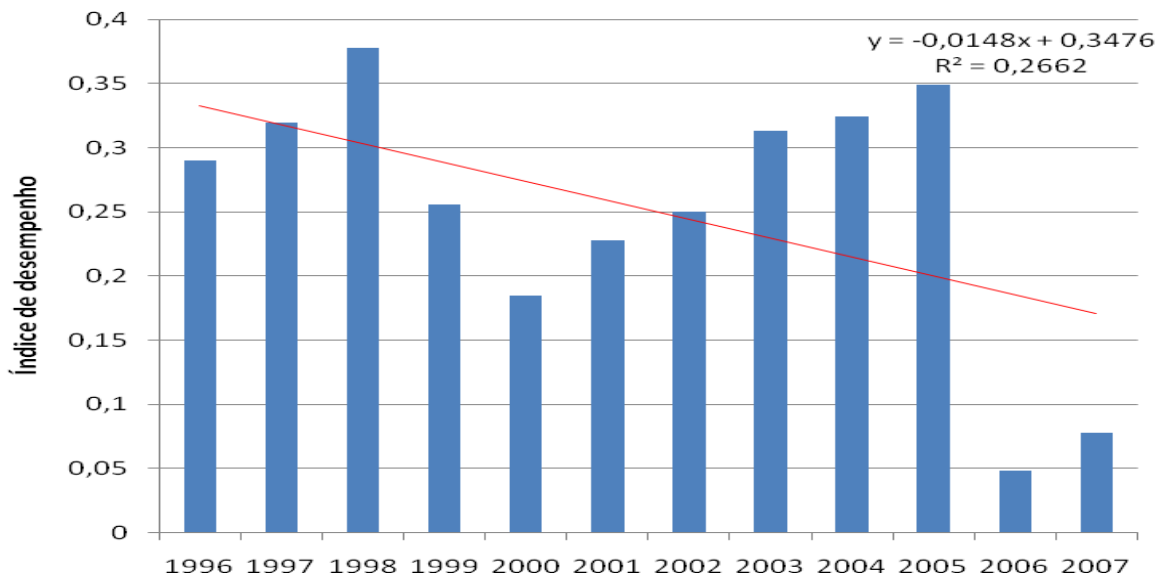


Figura 8 – Indicador de desempenho chinês para importação (1996 – 2007)
 Fonte: Dados desta pesquisa.

O principal país importador de móveis são os EUA, que respondem por um terço da demanda internacional. Com relação aos países menos desenvolvidos, verifica-se que sua participação na importação de móveis ainda é muito pequena, representando algo em torno de 10% a 15% do mercado mundial (FERREIRA et al.,2008).

Analisando a Figura 9, pode-se inferir que os EUA estão perdendo em competitividade, pois seu indicador de desempenho para importação apresentou um histórico de crescimento. Além disso, as exportações americanas cresceram 61% enquanto as importações aumentaram 132%, ou seja, o país está importando muito mais do que exportando. Como citado anteriormente, isso é reflexo do grande mercado consumidor que o país possui.

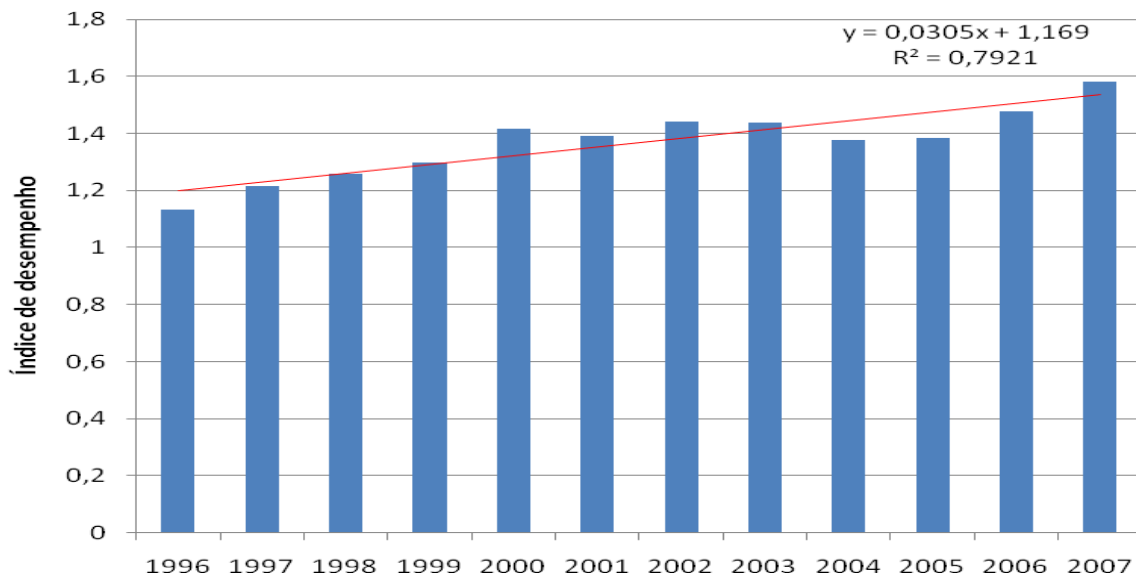


Figura 9 – Indicador de desempenho norte americano para importação (1996 – 2007)

Fonte: Dados desta pesquisa.

Com relação à Alemanha, verifica-se uma redução no índice quanto à importação. O país reduziu a importação de móveis em 5% no período de 1996 a 2007, ou seja, de acordo com este indicador o país aumentou sua competitividade. Este fato é validado pelo aumento das exportações de móveis de madeira de 102% para intervalo de tempo.

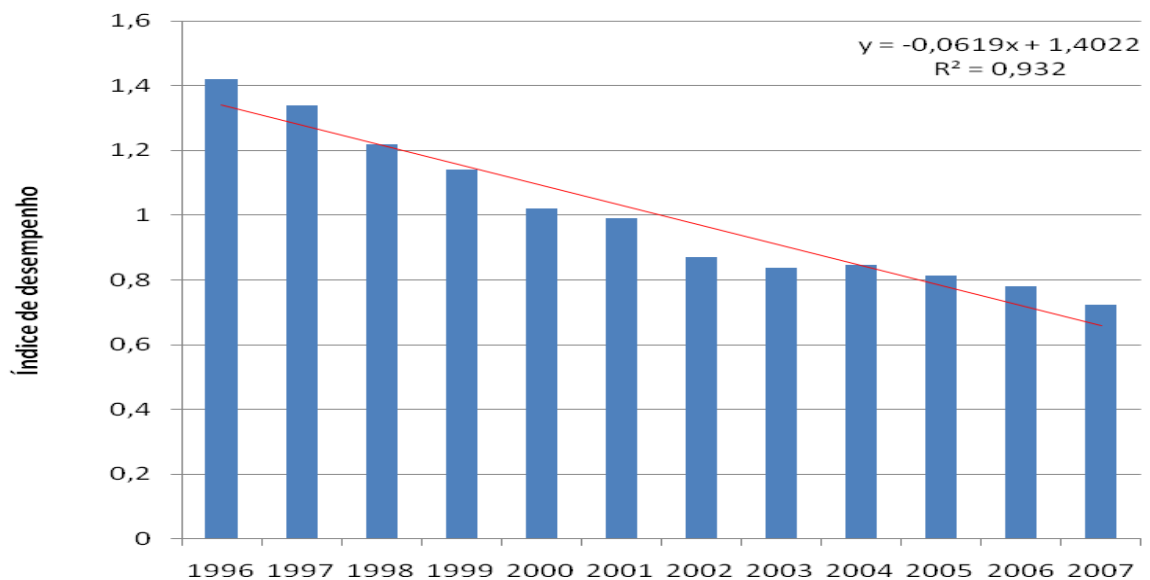


Figura 10 – Indicador de desempenho alemão para importação (1996 – 2007)

Fonte: Dados desta pesquisa.

Segundo o indicador italiano de desempenho para importação apresentado na Figura 11, há um aumento no índice de 0,24 para 0,37 de 1996 a 2007. Esse crescimento é reflexo do aumento de 206% das importações de móveis de madeira, considerando o mesmo intervalo de tempo.

Como analisado na Figura 06, houve um decréscimo de 9% das exportações de móveis de madeira, em conjunto com o crescimento das importações italiana para o mesmo setor, pode-se dizer que o país está deixando de ser competitivo. Isto é confirmado a partir do momento em que a China ultrapassou a Itália, quanto a exportação de móveis, em 2006.

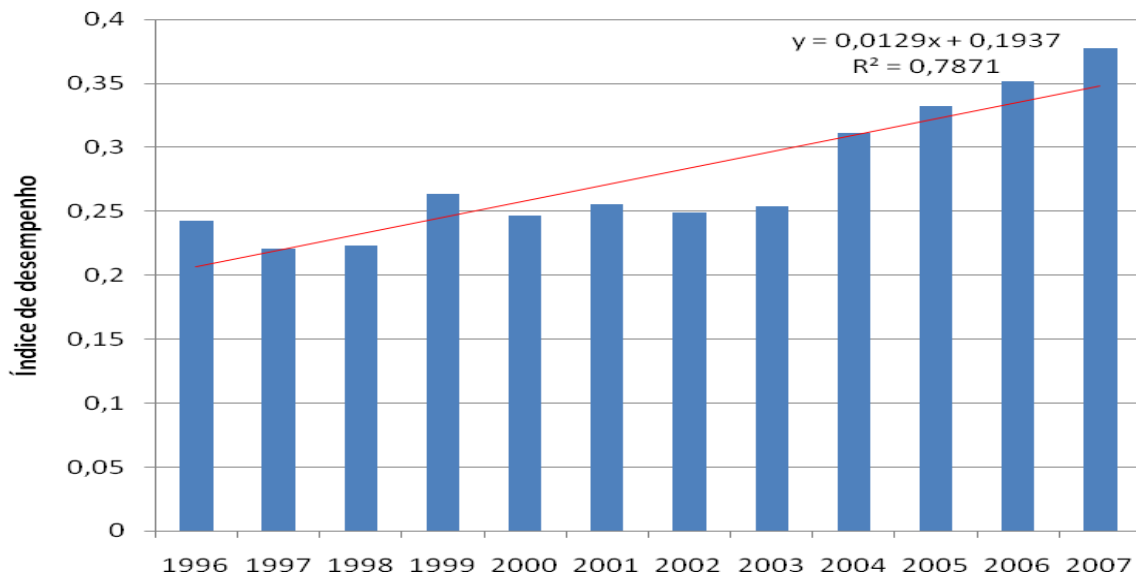


Figura 11– Indicador de desempenho italiano para importação (1996 – 2007)
Fonte: Dados desta pesquisa.

4.2 Sobre o indicador de eficiência

Consta na Figura 12 o faturamento da produção de móveis para o Brasil. Em apenas cinco anos o País aumento o faturamento da produção em 98,4%, produzindo cerca de R\$ 14 bilhões em 2007.

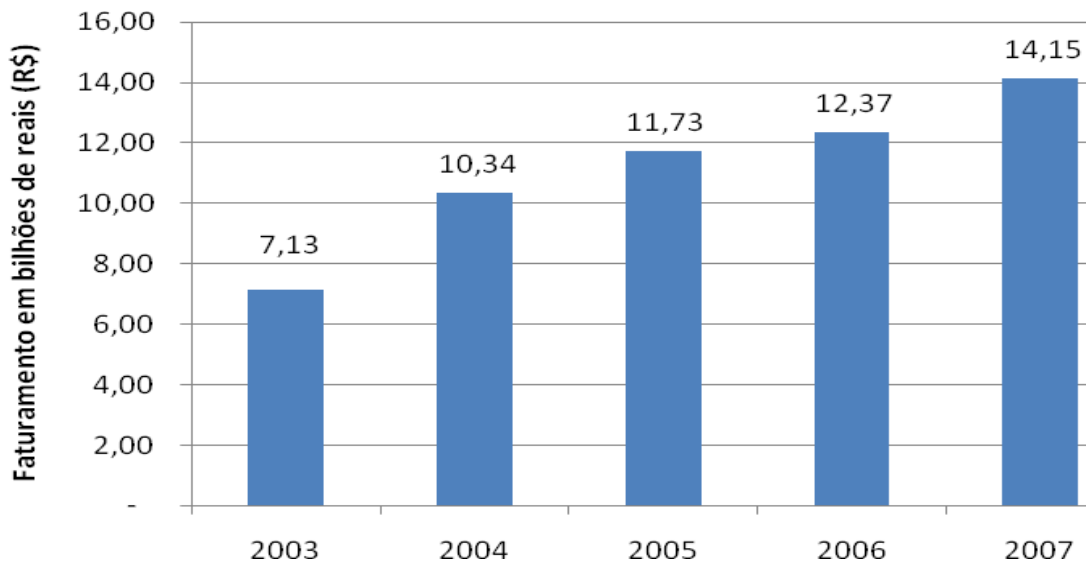


Figura 12 – Faturamento de produção brasileira de móveis, em Reais por ano
Fonte: Dados desta pesquisa.

Na Figura 13 pode-se notar que houve crescimento do valor pago pela mão-de-obra na indústria de móveis de 44%, no período de 2003 a 2007. Porém, o crescimento da produtividade da mão-de-obra suplantou o do valor pago por esta. Em 2003 foram gastos com a massa salarial 48% do faturamento da indústria de móveis, enquanto em 2007 o dispêndio com a massa salarial foi de apenas 34,82% do faturamento desse setor. Isto reflete uma queda de 14 pontos percentuais, e, ainda, que o acréscimo em receita proporcionado pelo trabalhador foi superior ao crescimento de seu próprio salário, dessa forma, ocorre menor participação dos gastos com mão-de-obra no custo total do produto.

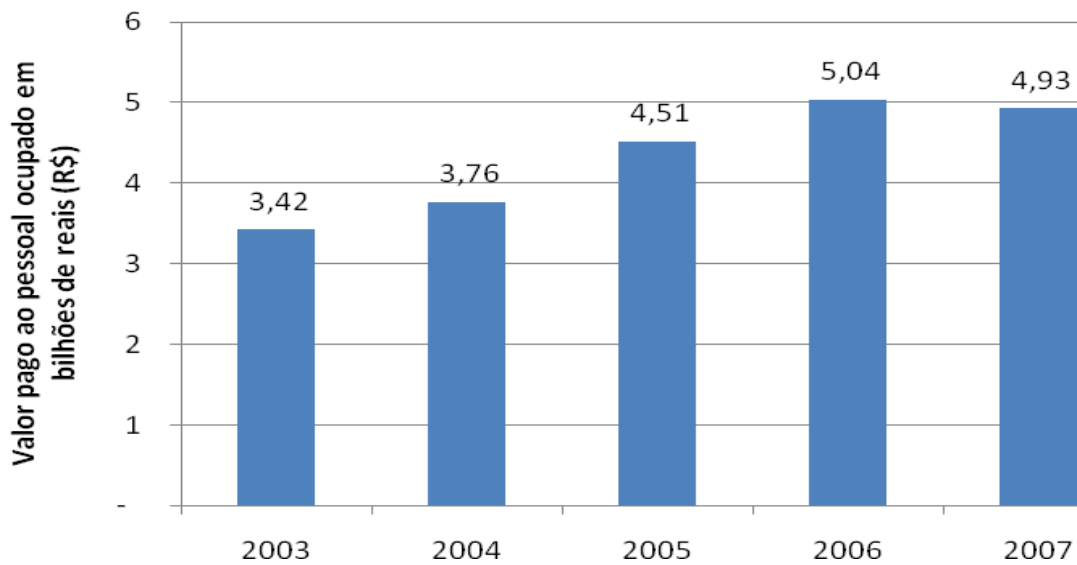


Figura 13 – Valor pago a massa salarial da indústria de móveis no Brasil por ano
Fonte: Dados desta pesquisa.

Verifica-se ainda, um aumento de 87,7% da produtividade física por mão-de-obra, de 2003 a 2007, em termos de receita bruta, o que está representado na Figura 14. Isso é reflexo da incorporação de capital em mão-de-obra com treinamentos e capacitação, ou seja, com isso o trabalhador é capaz de produzir mais receita, aumentando o faturamento de produção.

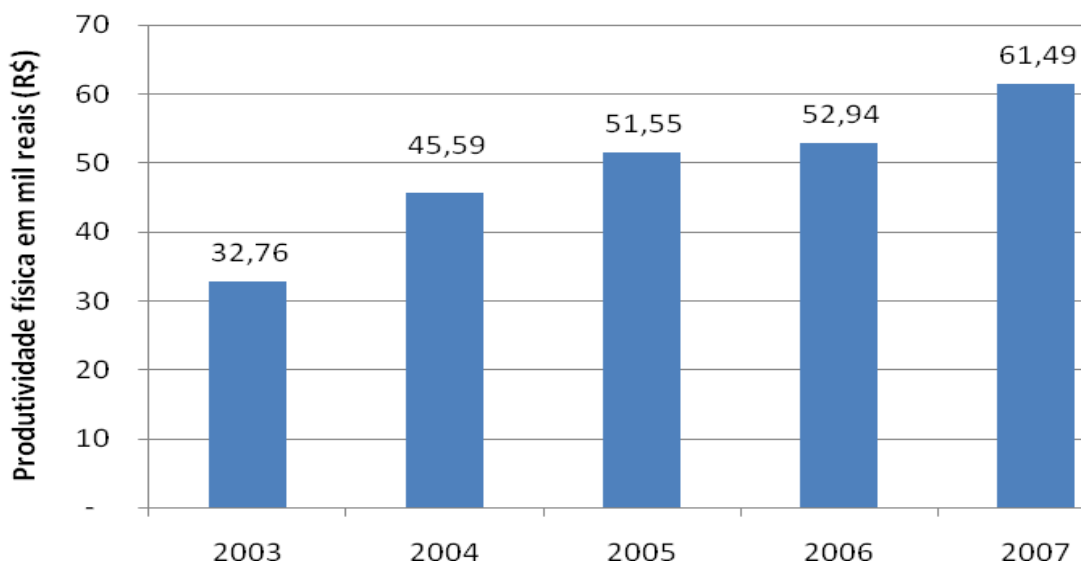


Figura 14 – Produtividade física por mão-de-obra, por ano
Fonte: Dados desta pesquisa.

Houve vantagem competitiva para o setor, pois este apresenta crescimento da eficiência em termos de Reais (R\$) produzidos por Reais (R\$) aplicados em mão-de-obra, o que pode ser confirmado com o uso do indicador proposto por Fajnzylber et al. (1993), como observado na Figura 15.

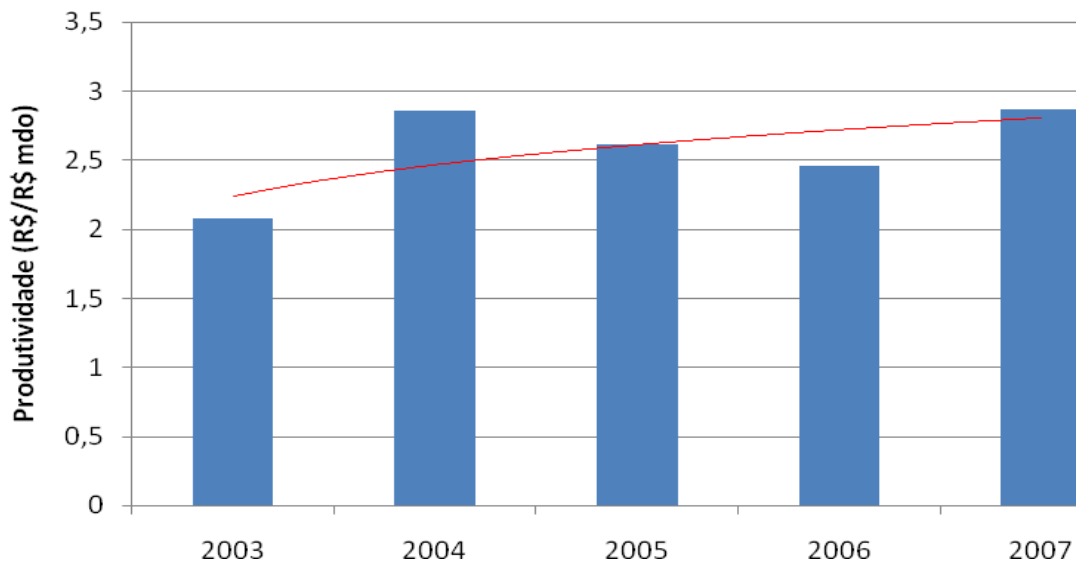


Figura 15 – Evolução brasileira da produtividade em real por real aplicado em mão-de-obra na indústria moveleira

Fonte: Dados desta pesquisa.

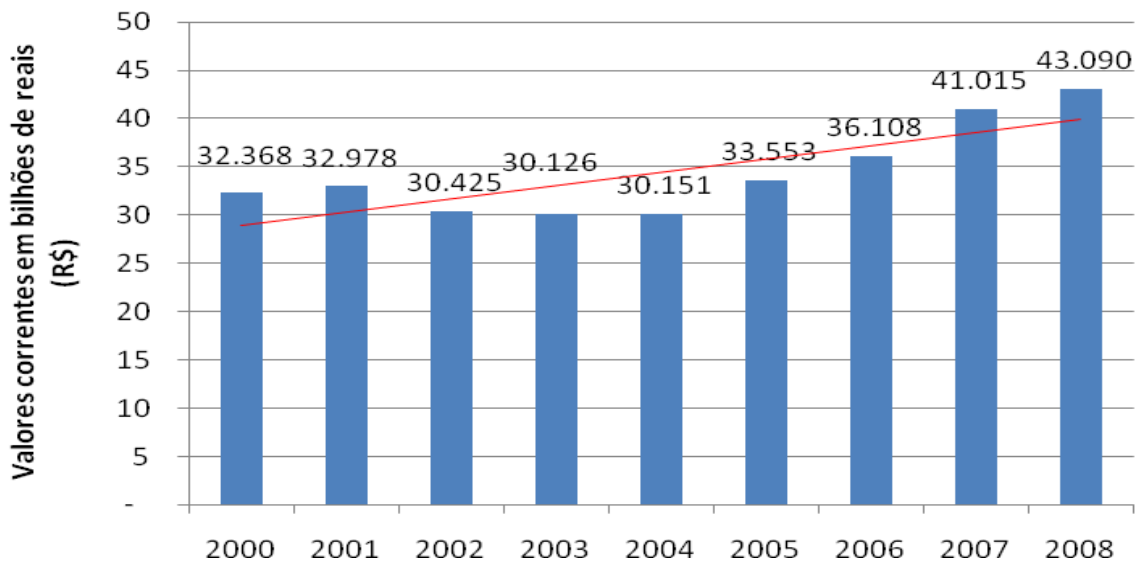
4.3 Sobre o indicador de capacitação

4.3.1 Dispêndio com ciência e tecnologia (C&T)

Wood e Caldas (2007) destacam que as piores colocações são referentes a tópicos relacionados ao governo, como uso de gastos públicos, critério de *spreads* bancários, extensão e efeitos da tributação, além da ineficiência do sistema tributário. Fatores como esses restringem a competitividade nacional, entretanto, observa-se na Figura 16 que os recursos federais destinados à C&T apresentaram crescimento de 33%, de 2000 a 2008. No entanto, essa evolução é significativa, se considerarmos que no mesmo período, o PIB brasileiro teve um crescimento de aproximadamente 20%, como pode ser observado na Figura 17. Ainda, pode-se notar que mesmo em 2007 com uma redução do PIB, o país não deixou de continuar

investimento nesse segmento. Isso se confirma, em uma verificação da Figura 18, em 2007 o país destinou 2,07% do PIB com dispêndio em C&T, um aumento de 0,79 pontos percentuais em relação ao ano anterior, quando foram destinados 1,28% do PIB.

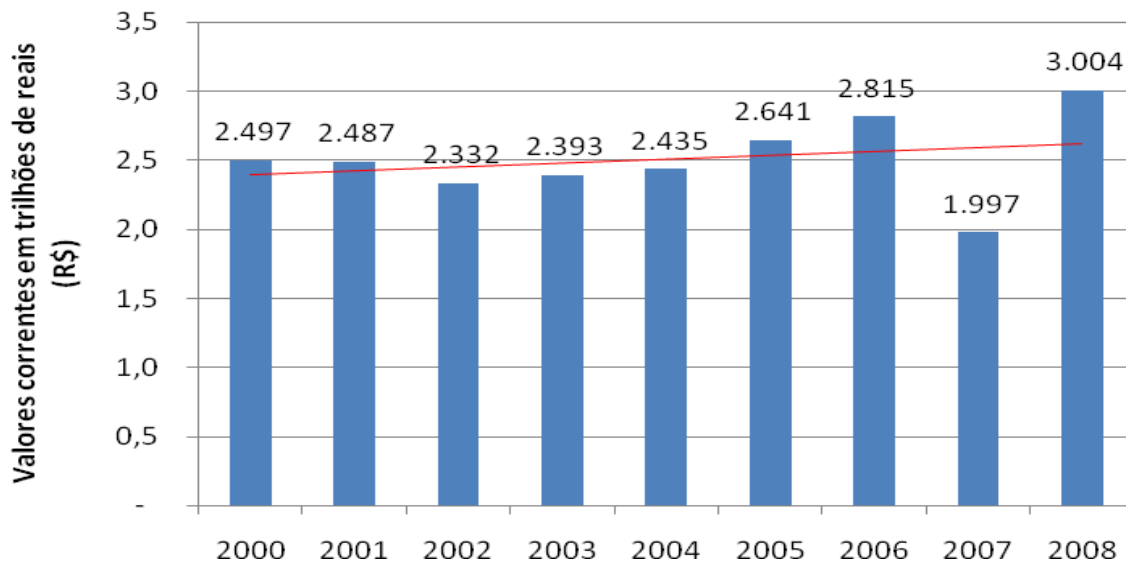
Com essas observações pode-se dizer que o governo brasileiro está destinando recursos em áreas que antes tinham menos investimento, como afirma o autor supracitado.



Nota – Valores atualizados de acordo com o índice geral de preços do mercado (IGP-M), para o dia 31/12/2008

Figura 16 – Recursos do Governo Federal Brasileiro aplicados em ciência e tecnologia (C&T), de 2000 a 2008

Fonte: Adaptado do Ministério da Ciência e Tecnologia (2010).



Nota – Valores atualizados de acordo com o índice geral de preços do mercado (IGP-M), para o dia 31/12/2008

Figura 17 – Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, de 2000 a 2008

Fonte: Adaptado do Ministério da Ciência e Tecnologia (2010).

Dessa forma, na Figura 18, verifica-se que a porcentagem do PIB destinada à C&T sofreu sensíveis aumentos, em 2000 houve investimento de 1,30% enquanto em 2008 foram gastos 1,43% do PIB em C&T.

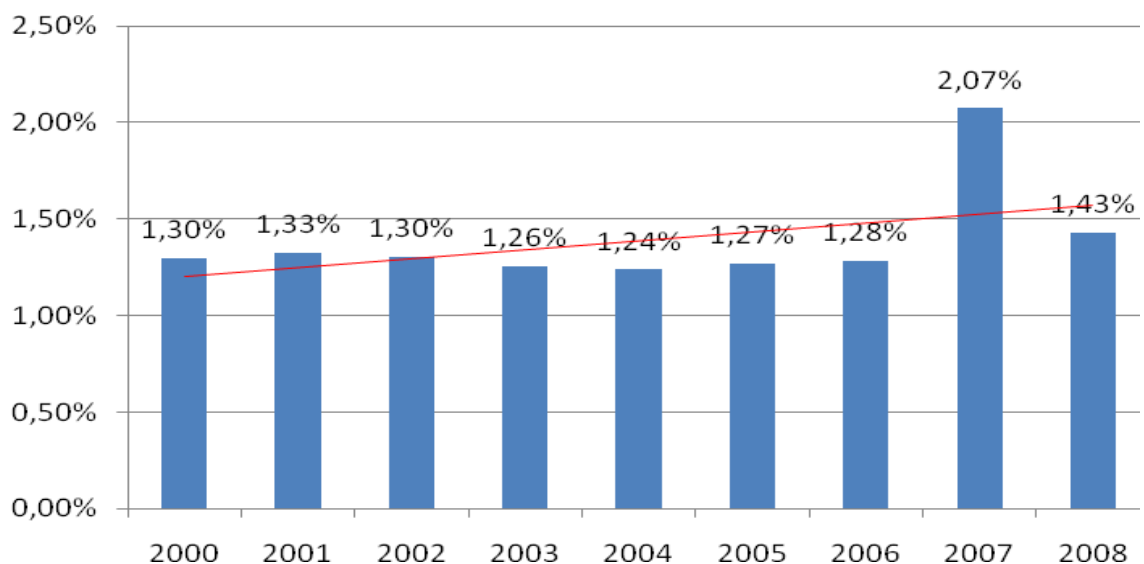


Figura 18 – Porcentagem do PIB Brasileiro gasto com Ciência e Tecnologia (C&T), de 2000 a 2008

Fonte: Dados da pesquisa.

A definição de pesquisa e desenvolvimento (P&D), de acordo com o Ministério da Ciência e Tecnologia (2010), é:

É qualquer trabalho criativo e sistemático realizado com a finalidade de aumentar o estoque de conhecimentos, inclusive o conhecimento do homem, da cultura e da sociedade, e de utilizar estes conhecimentos para descobrir novas aplicações. O elemento crucial na identificação da P&D é a presença de criatividade e inovação. Esta característica está presente tanto na pesquisa científica como no desenvolvimento experimental

A Figura 19, retrata o percentual do PIB brasileiro gasto com P&D. Como pode ser observado a evolução é pouco significativa, representando um crescimento de apenas 0,07% de 2000 a 2008.

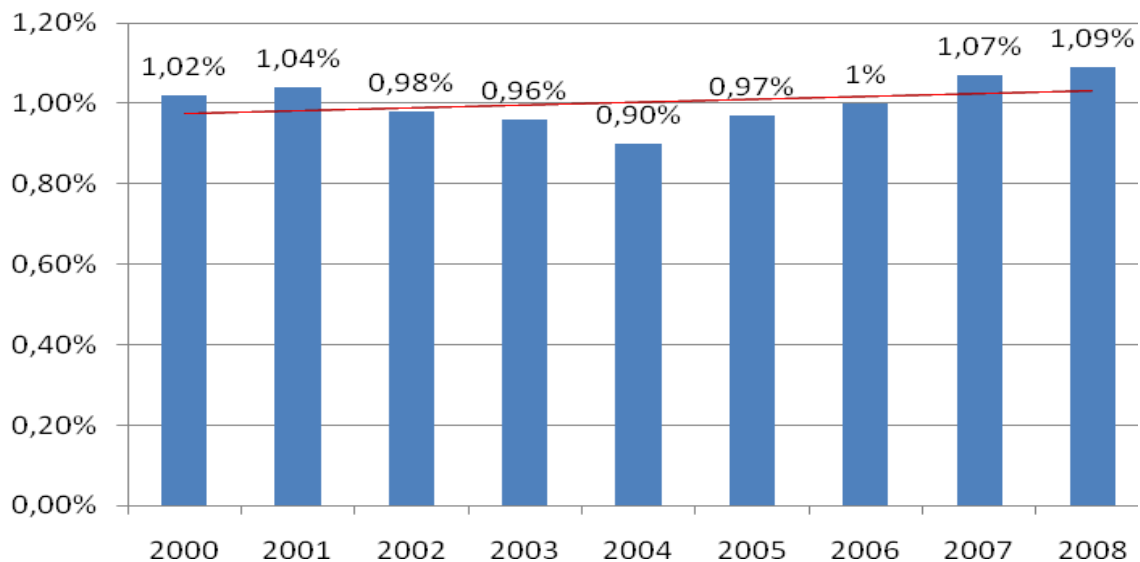


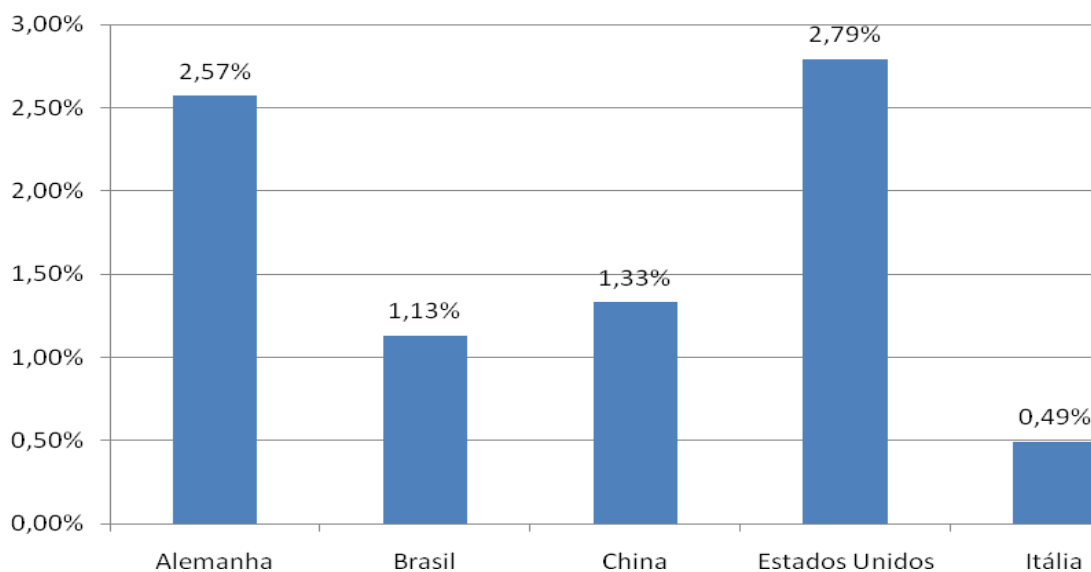
Figura 19 – Porcentagem do PIB Brasileiro gasto com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), de 2000 a 2008

Fonte: Dados da pesquisa.

Em contrapartida, a Figura 20, mostra o percentual do PIB de cada país gastos em P&D. O Brasil gastou em 2008, 1,13% do PIB em P&D, ultrapassando países desenvolvidos, como Itália (0,5%), e aproximando-se de países

intermediários como China (1,33%). Porém, encontra-se muito distante dos tradicionais países de economia avançada, como a Alemanha (2,57%) e o EUA (2,79%).

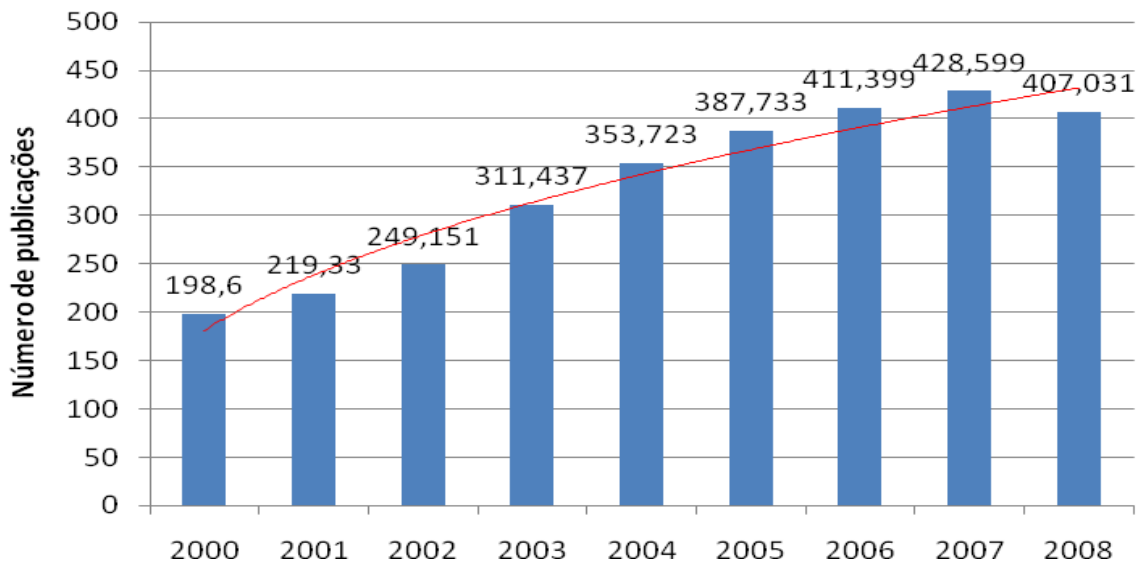
Tem-se que o investimento brasileiro em pesquisa e desenvolvimento encontra-se bastante distante, em relação aos países mais desenvolvidos, mesmo em uma posição favorável comparado com países em desenvolvimento, assim, seria considerável um maior esforço do Brasil nesse setor para, no futuro, ter algum papel relevante na economia do conhecimento.



Nota – Dispendio em P&D em milhões de reais correntes em Paridade do Poder de Compra (PPC)
 Figura 20 – Porcentagem do PIB gasto com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), por país, em 2008
 Fonte: Dados da pesquisa.

4.3.2 Produção Científica

Em uma análise da Figura 21, verifica-se uma expressiva evolução brasileira quanto à produção científica. Tendo em vista que o produto de uma pesquisa materializa-se, em uma publicação ou uma patente, a produção bibliográfica é considerada um dos indicadores da produção científica nacional. Esses dados permitem avaliar a capacidade do país apropriar-se do conhecimento científico de que dispõe, transformando-o em avanços tecnológicos.



Nota – O somatório dos trabalhos de todos pesquisadores e estudantes participantes de um grupo de pesquisa, com currículo cadastrado na plataforma Lattes como uma proxy da produção científica, tecnológica e artística desse grupo no período de 2000 a 2008, por meio dos censos realizados em 2002, 2004, 2006 e, o último em dezembro de 2008, quando foram atualizados os números de 2005 e 2006 e apurados os dados de 2007 e 2008.

Figura 21 – Produção científica brasileira segundo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2000-2008

Fonte: Adaptado do Ministério da Ciência e Tecnologia (2010).

De acordo com a Figura 19, percebe-se que o percentual do PIB brasileiro gasto em Pesquisa e Desenvolvimento, praticamente não se alterou nos últimos oito anos. Em contrapartida, o número de pesquisadores envolvidos com Pesquisa e Desenvolvimento passou de 198.600 para 400 mil, de 200 a 2008, respectivamente. Isso mostra que o investimento nessa área estagnou, enquanto o pessoal ocupado com P&D dobrou, como mostra a Figura 22.

E, ainda, verificando as linhas de tendência, tem-se que a quantidade de pessoal envolvido com pesquisa e desenvolvimento tende a aumentar, e analisando ainda a Figura 19, mostra que o percentual do PIB gasto em P&D tende continuar oscilando de forma pouco significativa.

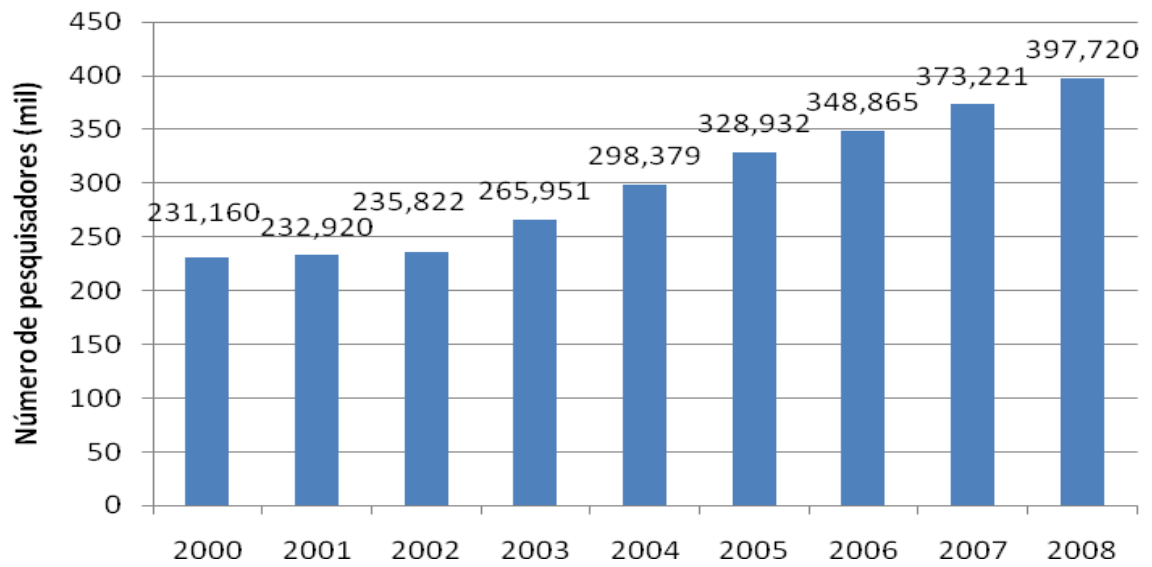


Figura 22 – Quantidade de pesquisadores envolvidos com Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), 2000-2008

Fonte: Adaptado do Ministério da Ciência e Tecnologia (2010).

5 CONCLUSÕES

O foco principal da presente pesquisa foi o de conhecer o *status* competitivo do setor moveleiro brasileiro. Para isso, buscou-se analisar o nível de competitividade nacional, no setor moveleiro, em relação aos países que dominam este mercado, por meio dos estudos dos indicadores de Desempenho, Eficiência e Capacitação, permitindo assim, dimensionar a competitividade brasileira diante do cenário internacional.

O Brasil apresentou leve tendência de crescimento do indicador de desempenho para exportação, o que reflete um pequeno aumento no nível de competitividade do país. Enquanto o indicador de desempenho para importação, por sua vez apresentou expressiva queda no seu índice, o que significa aumento considerável da competitividade.

Mediante a uma análise feita a partir do indicador de desempenho, é possível afirmar que o Brasil aumentou seu nível competitivo de forma significativa diante o desempenho dos outros países considerados. É importante considerar que tais países ainda dominam esse mercado, e que são muito competitivos frente aos demais que disputam esse setor. Como uma economia em desenvolvimento, a China merece destaque por desenvolver grande vantagem competitiva, num período curto.

No estudo feito sobre o indicador de eficiência, pôde-se observar que o Brasil, durante o período analisado, aumentou seu nível de competitividade. Houve crescimento no faturamento da produção de móveis e na produtividade física por mão-de-obra, e, conseqüentemente um aumento significativo no valor pago à massa salarial no mesmo setor. Com isso, conclui-se que o país desenvolveu vantagem competitiva para o setor, pois este apresentou crescimento da eficiência em termos de Reais (R\$) produzidos por Reais (R\$) aplicados em mão-de-obra.

Na análise feita do indicador de capacitação, observou-se que o Brasil teve um pequeno aumento nos gastos do Governo Federal em C&T, no período de 2000 a 2008. Além disso, o dispêndio destinado à P&D contou com pequenas alterações, encontrando-se muito aquém do observado em países mais desenvolvidos. Ainda assim, o Brasil apresenta uma posição favorável, se comparado com países em desenvolvimento. Portanto, sugere-se seria considerável um maior esforço do Brasil nesse setor, para que no futuro, tenha um papel relevante na economia do

conhecimento. Todavia, a produção científica medida através do número de artigos publicados e a quantidade pessoal ocupado com pesquisa e desenvolvimento tiveram um grande crescimento.

Em síntese, o futuro tende para um quadro mais otimista. Considerando que o setor de móveis brasileiro apresentou crescimento nos três indicadores estudados, pode-se afirmar que o País está ganhando competitividade.

6 REFERÊNCIAS

- ARANTES, M. D. C. **Fundamentos da indústria moveleira**. Jerônimo Monteiro, ES: DEF/CCA/UFES, 2009. (Notas de aula de DEF- 06429 - Fundamentos da Indústria Moveleira).
- BENITES, A. T.; VALÉRIO, L. M. **Competitividade**: uma abordagem do ponto de vista teórico. Campo Grande, MS, 2004.
- BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO. **Relatório**: panorama internacional do setor moveleiro brasileiro. 1997 – 2000, Rio de Janeiro: BNDES 2000.
- COELHO, M. R. F.; BERGER, R. Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho. **Revista FAE**, Curitiba, v.7, n.1, p.51-65, jan./jun. 2004.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. **Competitividade Industrial**: uma Estratégia para o Brasil. p.13, 1998.
- COUTINHO, L.G.; FERRAZ, J.C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.
- DEPARTAMENTO DE ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO – DEESD. **Competitividade**: conceituação e fatores determinantes. 1991 (Texto para discussão n. 2)
- FAJNZYLBER, P.; SARTI, F.; LEAL, J. P. G. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**: sistema de indicadores da competitividade. Campinas, SP Fundação Economia de Campinas – FECAMP, 1993.
- FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Statistical Database – FOREST FINANCE**. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/011/k4588e/k4588e00.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010.
- FERRAZ, J.C.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brazil**: Desafios Competitivos para a Indústria. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- FERREIRA, M. J. B.; CUNHA, S. F.; ARAÚJO, R. D. de, MELLO, C. H.; BOEIRA, J. L. F. **Relatório de acompanhamento setorial**: indústria moveleira. v. 4. Campinas, SP: Unicamp/ABDI, 2009.
- FERREIRA, M. J. B.; GORAYEB, D. S.; ARAÚJO, R. D. de; MELLO, C. H.; BOEIRA, J. L. F. **Relatório de acompanhamento setorial**: indústria moveleira. v. 1. Campinas, SP: Unicamp/ABDI, 2008.
- HAGUENAUER, L. **Competitividade**: conceitos e medidas. Rio de Janeiro, 1989.
- HARRIS, L. C.; OGBONNA E. **Leadership style and marketing orientation**: An empirical study. *European Journal of Marketing*, v. 35. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa industrial por produto. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/produtos/produto2008/defaulttabzip.shtm>>. Acesso em: 19 out. 2010.

KAPLINSKY, R.; READMAN, J. **Globalisation and upgrading**: what can (and cannot) be learnt from international trade statistics in the wood furniture sector? Brighton: University of Sussex/IDS/CRIM, 2000.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional**: teoria e política. 5 ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

LEÃO, M. S.; NAVEIRO, R. M. Fatores de competitividade da indústria de móveis de madeira do Brasil. **Revista Madeira**. ed. 119, 2009. Disponível em: <[http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_materia.php?num=1375&subject=Móveis&title=Fatores de competitividade da indústria de móveis de madeira do Brasil](http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_materia.php?num=1375&subject=Móveis&title=Fatores%20de%20competitividade%20da%20indústria%20de%20móveis%20de%20madeira%20do%20Brasil)>. Acesso em: 27 abr. 2010.

LOTTICI, E. B. **Impacto da ALCA sobre o setor moveleiro gaúcho**. 2003. 92 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Recursos aplicados em C&T e número de artigos publicados**. Disponível em <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em: 21 out. de 2002.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Anuário dos Trabalhadores**. Disponível em <<http://www.mte.gov.br/>>. Acesso em: 16 out. de 2010.

PORTER, M. E. A vantagem competitiva das nações. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

POSSAMAI, A. et al. **Fatores Determinantes da Competitividade**: Uma Análise do Pólo Moveleiro de Bento Gonçalves. Rio de Janeiro, 2006.

ROESE, M.; GITAHY, L. M. C. **Globalização, indústria tradicional e gênero**: a indústria de móveis de madeira em Bento Gonçalves/RS. Caxambu, MG, 2004.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. 10. ed. São Paulo: Best Seller, 2002.

SCHNEIDER, A. C. S. **O processo de internacionalização de uma empresa do setor moveleiro**: um estudo de caso. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SINDICADO DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO – SINDMÓVEIS. **Dados do Setor Moveleiro**. Disponível em: <<http://www.sindmoveis.com.br/port/?page=dados>>. Acesso em: 22 mar. 2010.